

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE QUÍMICA E BIOLOGIA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM QUÍMICA AMBIENTAL

ANDERSON ZHENG

**ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL DA CAMPANHA JOGADA CERTA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2013

ANDERSON ZHENG

**ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL DA CAMPANHA JOGADA CERTA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de TCC 2, do Curso Superior de Tecnologia em Química Ambiental do Departamento Acadêmico de Química e Biologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo.

Orientador: Prof. Dr. Tamara Simone van Kaick

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Juarez Rueda Strogenski

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2013

ANDERSON ZHENG

**ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL DA CAMPANHA JOGADA CERTA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial à obtenção do grau de TECNÓLOGO EM QUÍMICA AMBIENTAL pelo Departamento Acadêmico de Química e Biologia (DAQBI) do Câmpus Curitiba da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, pela seguinte banca examinadora:

Membro 1 – PROF^a. DR^a. LETÍCIA KNECHTEL PROCOPIAK
Departamento Acadêmico de Química e Biologia, UTFPR

Membro 2 – PROF^a. DR^a. ADRIANA CABRAL DOS SANTOS
Departamento Acadêmico De Comunicação e Expressão, UTFPR

Orientadora – PROF^a. DR^a. TAMARA SIMONE VAN KAICK
Departamento Acadêmico de Química e Biologia, UTFPR

Coordenadora de Curso – PROF^a. DR^a. VALMA MARTINS BARBOSA

Curitiba, 25 de setembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

À prof. Dr. Tamara Simone van Kaick pela grande oportunidade, pela paciência e orientação e, principalmente, pelos debates sobre as questões ambientais;

Ao prof. Dr. Paulo Juarez Rueda Strogenski pelo grande apoio, pelas discussões sobre a linguagem humana, pela oportunidade concedida em assistir as suas aulas de Semiótica e, principalmente, pela imprescindível orientação na área discursiva;

À prof. Ms. Adriana Cabral dos Santos pela enorme paciência, disponibilidade e, principalmente, pela oportunidade concedida em assistir as suas aulas de Análise do Discurso;

À prof. Dr. Letícia Knechtel Procopiak pela paciência, pela participação na banca e, principalmente, pelos questionamentos levantados;

À Marilza, Cida e Luciana do Departamento de Serviços Gerais pela grande oportunidade concedida e, principalmente, pelo enorme apoio nas atividades necessárias para a realização deste trabalho e na divulgação da pesquisa;

A todas as funcionárias do Departamento de Serviços Gerais, que voluntariamente participaram do projeto, e compartilharam um pouco de suas histórias e da realidade em que vivem;

A todos os colegas e amigos do curso de Tecnologia em Processos Ambientais, que disponibilizaram parte de seu tempo para participar desta pesquisa;

A todos os outros, amigos e familiares, pela paciência, ajuda, debates, e pela compreensão da minha ausência em diversos momentos importantes.

RESUMO

ZHENG, Anderson. Análise discursiva de uma prática de Educação Ambiental da campanha Jogada Certa. 2013. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento Acadêmico de Química e Biologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, o presente trabalho realiza uma análise discursiva dos discursos dos funcionários terceirizados responsáveis pela limpeza e manutenção da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, de antes e depois das palestras da campanha Jogada Certa, em relação a uma estrutura discursiva de referência. Essa estrutura foi elaborada a partir de uma interpretação contrastiva de uma sequência discursiva proveniente das palestras da campanha, a qual se desenvolve em uma rede de formulações interdiscursivas, de onde é possível depreender uma regularidade. Para isso, questionários, entrevistas e transcrições foram realizadas. A partir das comparações dos discursos de cada funcionário, constatou-se a ocorrência da estrutura discursiva em 12 dos 19 entrevistados, dos quais em 05 já haviam apresentado essa estrutura antes das palestras.

Palavras-Chaves: Análise do Discurso. Educação Ambiental. Jogada Certa.

ABSTRACT

ZHENG, Anderson. Discursive analysis of a practice Environmental Education of the Campaign Jogada Certa. 2013. 60 pages. Coursework, Departamento Acadêmico de Química e Biologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Based on theoretic assumptions of Discourse Analysis, the present work perform an analysis of the speech from the interviewed outsourced workers responsible for the cleaning and maintenance of Universidade Tecnológica Federal Do Paraná (UTFPR), before and after every lecture from the Jogada Certa's campaing, in comparison to a discursive structure of reference. The mentioned structure was elaborate from an contrastive interpretation to a speech sequel from the campaing's lectures, from which are developed in a grid of interdiscourse formulations, from which is possible to deduce a regularity. For this, questionnaires, interviews and transcripts were performed. From the comparisons of each worker speech, it was found to occur the Speech Structure in 12 of 19 interviewed, from which in 5 had already presented this structure before the lectures.

Keywords: Discursive analysis. Environmental Education. Jogada Certa.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Ocorrência da forma P{X/Y} antes e depois das palestras da campanha Jogada Certa 58

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Análise do Discurso, tendência francesa

FD – Formações Discursivas

FI – Formações Ideológicas

ONU – Organização das Nações Unidas

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Objetivo Geral	2
1.2 Objetivo Específico	2
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DA CAMPANHA	3
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM HUMANA	7
3.1 Aspectos da linguagem humana para Saussure	7
3.2 Aspectos da linguagem humana para Bakhtin	8
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO	11
5 ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	12
5.1 Aparelhos de Estado	12
5.2 Ideologia	14
5.3 Formação Ideológica e Formação Discursiva	15
5.4 Sentido e Sujeito	17
5.5 Esquecimento, Pré-construído, Sustentação	20
6 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLITICAS DA TESE DE COURTINE	21
6.1 Entradas de um tratamento discursivo	22
6.2 Ambiguidade e Interpretação	24
6.3 As condições do enunciado na forma contrastiva	25
7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
7.1 Elaboração de questionários	27
7.2 Realização de entrevistas e gravação das palestras	29
7.3 Transcrição das entrevistas	30
7.4 Constituição do Corpus	32
8 RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
8.1 Elaboração de uma estrutura discursiva de referência	32
8.2 Análise das entrevistas do grupo "F"	36
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
ANEXO A	66

1 INTRODUÇÃO

Após um processo de ensino na educação ambiental é bastante comum a falta de informações posteriores sobre a prática. As dificuldades são encontradas, por exemplo, quando se ministram palestras, e se deseja saber após um tempo se elas surtiram algum efeito nos dizeres daqueles que as assistiram. Por serem práticas discursivas de curto prazo, as palestras não permitem esse enfoque. Na tentativa de contornar essa falta é possível elaborar questionários para comparar os dizeres dos participantes de antes e depois de uma prática de educação ambiental.

No entanto essa abordagem não é tão simples assim, não basta apenas elaborar questionários, e aplicá-los cegamente antes e depois das palestras, pois é preciso realizar algumas considerações prévias. É preciso antes de tudo definir os objetivos da pesquisa, a concepção de linguagem e os pressupostos teóricos, a partir dos quais se observará os fenômenos em estudo. Em função dessas considerações, as metodologias são então construídas.

Nesse sentido são analisadas no presente estudo os discursos dos participantes das palestras da campanha *Jogada Certa*. Essa campanha faz parte do Programa de Gerenciamento de Resíduos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. As palestras são desenvolvidas por alunos do curso de Tecnologia em Processos Ambientais, conjuntamente com a supervisão de uma professora responsável pela disciplina de Educação Ambiental, e são destinadas para os funcionários terceirizados responsáveis pela limpeza e manutenção da instituição.

O objetivo do presente estudo é comparar os dizeres, de antes e depois das palestras da campanha, de cada funcionário terceirizado participante da pesquisa, em relação a uma estrutura discursiva de referência. Não é objetivo a busca do significado dessa estrutura, como também dos dizeres dos participantes. A concepção de linguagem humana assumida nega o entendimento da língua como uma ferramenta pronta para uso dos falantes, ou da língua como suporte para a expressão do pensamento, assim como também nega uma concepção transparente e neutra da linguagem humana. Os fenômenos em estudo serão observados a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso. A metodologia envolve a elaboração e aplicação de questionários, a gravação das palestras da campanha

Jogada Certa, a transcrição do material coletado e a delimitação do corpus de estudo.

Para realizar as análises foi elaborada uma estrutura discursiva de referência a partir de uma interpretação contrastiva de uma sequência discursiva proveniente das palestras da campanha, a qual se desenvolve em uma rede de formulações interdiscursivas, de onde é possível depreender uma regularidade. Com essa estrutura discursiva de referência se procurou então tanto antes quanto depois das palestras da campanha a sua possível ocorrência.

1.1 Objetivo Geral

O presente estudo tem por objetivo comparar os dizeres, de antes e depois das palestras da campanha *Jogada Certa*, de cada funcionário terceirizado participante da pesquisa, responsável pela limpeza e manutenção da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em relação a uma estrutura discursiva de referência.

1.2 Objetivos Específicos

O presente estudo tem por objetivo específico: elaborar uma estrutura discursiva de referência; verificar se ocorre a presença dessa estrutura nas práticas discursivas dos funcionários terceirizados participantes da pesquisa; e comparar as práticas discursivas tanto antes quanto depois das palestras da campanha *Jogada Certa* de cada funcionário participante em relação a estrutura discursiva de referência.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DA CAMPANHA JOGADA CERTA

Após a Segunda Guerra Mundial, a instituição internacional Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada em 24 de outubro de 1945 com o objetivo de assegurar a paz, a segurança internacional, e desenvolver relações amistosas entre os países para resolver os problemas mundiais (ORGANIZAÇÃO..., 2013). Ao mesmo tempo em que surge a organização, consolida a divisão do mundo entre o capitalismo e o socialismo, ocorre uma bipolarização política, ideológica e militar, e contraditoriamente instaura-se a Guerra Fria (VICENTINO, 2001).

Nos anos 60 surge o discurso ambiental quando são evidenciadas as crises do meio ambiente decorrentes do modelo econômico baseado no consumo e na produção desenfreada (DANNORITZER, 2010). Em 1983, a ONU aprovou a criação de um grupo para investigar a questão da escassez dos recursos naturais, um dos problemas em voga na sociedade da época, e que estava relacionada junto com os males do aquecimento global, a destruição da camada de ozônio, a desertificação, a poluição generalizada, a extinção das espécies e tantos outros. Esse grupo, chamado de *Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, foi liderado pela primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtand, que em 1987 publica o resultado dos seus estudos no documento *Nosso Futuro Comum*, ou *Relatório de Brundtand* (YOSHIDA, 2011). Nesse documento, surge pela primeira vez o termo “desenvolvimento sustentável”, que pauta na ideia da satisfação das necessidades atuais sem esgotar os recursos para as futuras gerações.

Em 1989, com o declínio e a irrealização do socialismo, simbolicamente marcado pela queda do muro de Berlim, de acordo Silva (1995), o discurso ambiental já em circulação na sociedade vem se situar no espaço anteriormente representado pela oposição entre o capitalismo e o socialismo. No entanto, segundo o autor (ibidem, p. 13), diferentemente do antagonismo marcado anteriormente, o discurso ambiental é incorporado pelo discurso dominante, onde a possibilidade de viver em uma outra forma de sociedade só é possível se o modelo capitalista se mantiver. Em outras palavras, nos anos seguintes à irrealização do socialismo, de acordo com Braz (2012), não há uma articulação de um projeto societário alternativo ao modelo capitalista.

Nessa perspectiva, a partir do momento em que o discurso ambiental é incorporado pelo discurso dominante, as práticas ambientais serão voltadas então predominantemente para o começo, ou para o final, de um processo, e raramente para o coração do sistema. De acordo com Dannoritzer (2010), a obsolescência é o motor da sociedade capitalista, onde os produtos gerados em seu interior são programadamente destinadas a morrer, e o consumidor constantemente induzido a trocar aquilo que tem por produtos novos sem a real devida necessidade.

Baudrillard (1991) afirma que atualmente vivemos em uma sociedade do consumo, onde não se adquire os produtos pelo seu valor de uso, pela sua função prática, mas pelos seus diversos valores significativos. Isso, de acordo com o autor (1991), é um problema na medida em que o consumo se torna em uma prática constante e abusiva para tentar satisfazer uma necessidade insaciável, que não encontra os seus limites, e constantemente se renova.

Nesse horizonte de consumo desenfreado, ao caminhar para o começo de um processo produtivo, atrás das práticas consumistas há uma produção que demanda por recursos naturais, uma pressão sobre os recursos limitados do planeta (CINTRA, 2008); do outro lado do caminho, após o consumo de um produto, quando não há o seu reaproveitamento, ocorre o descarte, nasce o lixo.

Segundo a Agência Brasil (2013), no presente ano o consumo ultrapassou a capacidade de renovação do planeta em menos de oito meses; em outras palavras, “o consumo global exauriu tudo o que a natureza consegue repor em um ano e, entre setembro e dezembro, o planeta vai operar no vermelho, o que causa danos ao meio ambiente”. Esse esgotamento, segundo a fonte (idem), se traduz em perda da qualidade de vida, da redução de florestas, da biodiversidade, de escassez de alimentos, de mais doenças e pobreza.

Nesse sentido, as ações ambientais, como a otimização dos recursos e o reaproveitamento dos resíduos, são extremamente importantes, mas são ações muitas vezes paliativas na medida em que não mudam o cerne do problema. Pela metáfora da representação da sociedade como um edifício, onde a base econômica determina em última instância os andares jurídico-político e ideológico da sociedade (ALTHUSSER, 1980), o discurso ambiental não está indissociável da base econômica que o sustenta.

Em 1992, ocorre no Brasil a institucionalização do discurso ambiental com o acontecimento da ECO-92, Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e Desenvolvimento, o qual resulta na produção da Agenda 21, da Declaração do Rio de Janeiro sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Declaração de Princípios sobre o Uso das Florestas, do Convênio sobre a Diversidade Biológica e da Convenção sobre Mudanças Climáticas (YOSHIDA, 2011). Esses documentos são elaborados em um contexto, no qual surge o discurso da sustentabilidade no interior de um novo tipo de mercado, um novo tipo de consumidor, a constituição de uma nova forma de cidadania (SILVA, 1995).

A Agenda 21 é considerada como um marco em relação ao rumo do meio ambiente, ao determinar medidas de curto e a longo prazo para a sociedade aplicar a sustentabilidade (YOSHIDA, 2011). É interessante notar que em seu teor, a Agenda 21 trata da questão do consumo, não no sentido da diminuição, mas da mudança dos padrões de forma a otimizar o uso das matérias-primas e a diminuir a geração de lixo; ou seja, ações voltadas para o início e para o final do processo:

A fim de que se atinjam os objetivos de qualidade ambiental e desenvolvimento sustentável será necessário eficiência na produção e mudança nos padrões de consumo para dar prioridade ao uso ótimo dos recursos e à redução do desperdício ao mínimo (CONFERÊNCIA..., 1995, p. 35).

Nesse sentido, a sociedade continua a consumir desenfreadamente, e as estruturas do capitalismo permanecem; muda-se a forma, mas não o cerne do sistema, e isso se constitui em um problema na medida em que a lógica linear de um sistema capitalista é contraditória aos princípios básicos do próprio meio ambiente (YOSHIDA, 2011). A voracidade, com que se consome os recursos naturais e gera a poluição, não permite a recomposição integral do meio ambiente (FIGUEIREDO, 2001), por isso as ações ambientais voltadas na otimização dos recursos e da diminuição da poluição são medidas paliativas, uma vez que não trabalham com a questão do consumo e da obsolescência; e desenvolver essas questões no âmbito da sociedade capitalista vai contra o sistema. Essa perspectiva é mais preocupante quando se observa as tendências pedagógicas da Educação Ambiental. Embora não seja objetivo trazer à discussão essas tendências, é importante fazer a seguinte consideração: fala-se de uma maneira geral da consideração da Terra como mãe,

do amor ao planeta, do nosso dever de respeito aos outros seres planetários, da recuperação da sensibilidade perdida ao longo do progresso, da teia de relações com os outros seres vivos, da teia da vida, do desenvolvimento espiritual necessário etc. (CATALÃO, 2009), mas pouco se fala da necessidade de mudança estrutural da sociedade, do desenvolvimento de um projeto societário alternativo ao que vivemos hoje.

Com a urbanização e a industrialização da sociedade, grande parte dos restos das práticas de consumo vira lixo, e são dispostas indiscriminadamente em lixões a céu aberto sem nenhum tratamento (GAZETA..., 2013); uma pequena parcela é destinada aos aterros sanitários, os quais por sua vez possuem um limite de capacidade, uma vida útil (FRÉSCA, 2007 apud LOHMANN, 2008)¹.

No município de Curitiba e região metropolitana, os resíduos gerados eram encaminhados ao aterro sanitário da Caximba. Em 2004 diante da perspectiva de encerramento das atividades desse aterro em quatro anos, e sem uma solução concreta para o que fazer com o problema do lixo após esse encerramento, a Prefeitura Municipal de Curitiba (2004) instituiu o Decreto 983/2004, cujo teor dispõe sobre a coleta, o transporte, o tratamento e a disposição de resíduos sólidos do município.

No mesmo ano, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Curitiba, convocada pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente para fazer frente ao decreto, cria o Programa de Gerenciamento de Resíduos, cujo objetivo é “estabelecer e manter um gerenciamento dos resíduos, por meio da prática de educação ambiental contínua em anuência com requisitos legais aplicáveis”, e para isso as ações do programa envolvem a identificação dos pontos de geração de resíduo da universidade, a elaboração de inventários, classificação e caracterização dos resíduos, implementação de ações experimentais para a coleta seletiva e a reunião com os funcionários terceirizados do serviço de limpeza (BARBOSA; SILVA, 2005).

Após seis anos nasce no interior do Programa de Gerenciamento de Resíduos, a campanha *Jogada Certa* com o objetivo de destinar corretamente os

1 FRÉSCA, F. R. C. Estudo da Geração de Resíduos Sólidos Domiciliares no Município de São Carlos, SP, a partir da caracterização física. São Carlos, 2007.

resíduos gerados pela instituição, diminuir a quantidade enviada para aterros, reduzir a geração de lixo e promover a educação ambiental para a comunidade local da universidade (JOGADA CERTA, 2013). Dessa forma, desde o ano em que surgiu, ocorreram diversas campanhas; entre elas, palestras desenvolvidas por alunos do curso de Tecnologia em Processos Ambientais, conjuntamente com a supervisão de uma professora responsável pela disciplina de Educação Ambiental, e destinadas aos funcionários terceirizados responsáveis pela limpeza e manutenção da instituição. O tema das palestras engloba a correta separação e destinação dos resíduos sólidos gerados no interior da instituição.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM HUMANA

Qualquer estudo da linguagem hoje em dia se deve de alguma forma, direta ou indiretamente, as reflexões de Saussure, seja retomando-o como ponto de partida, seja assumindo os seus posicionamentos, ou negando as suas postulações teóricas (BRANDÃO, 2012). Dessa forma, nos aproximaremos inicialmente das afirmações do fundador da Linguística Moderna no que diz respeito a linguagem, a língua e a fala, para em seguida deslocar a nossa atenção para Bakhtin, que pensou na linguagem humana de uma perspectiva diferente. Não é objetivo da pesquisa colocar em linhas toda a grandiosidade do pensamento desses intelectuais, mas somente trazer à luz algumas considerações que fizeram em relação à linguagem humana, para assumirmos, assim, uma primeira posição teórica.

3.1 Aspectos da linguagem humana para Saussure

No início do *Curso de Linguística Geral* (2006), ao refletir sobre as questões da linguagem, Saussure faz uma distinção entre a linguagem, a língua e a fala. Considera a linguagem humana como um todo, da qual a língua faz parte, sendo que o uso desta pelos indivíduos constitui na fala.

Para Saussure, para que os indivíduos se comuniquem e se entendam, eles partilham de um conhecimento internalizado, que é social (FIORIN, 2010). Este conhecimento, a língua, é uma espécie de contrato coletivo, que a comunidade só pode aceitar como tal para poder se comunicar, é um sistema de valores contratuais, onde o indivíduo sozinho não pode nem criá-la, nem modificá-la; e o uso desse sistema pelo indivíduo é considerado simplesmente como um ato de seleção e de atualização individual, é a fala (SOUZA, 2006).

Saussure (2006) concentra as suas reflexões em torno do estudo da língua, na medida em que considera a linguagem como “multiforme e heteróclita” (ibidem, p. 17), que “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (idem); e a fala como um “acessório, mais ou menos acidental” (ibidem p. 22, adaptado). Com esse direcionamento, no decorrer de sua obra, nasce a Linguística, como ciência que tem como objeto de estudo a língua.

No entanto, partindo das próprias palavras do fundador da Linguística de que é o ponto de vista que determina o objeto de estudo, e não o contrário, Saussure ao tornar a língua o seu objeto, exclui com este movimento diversos fenômenos da linguagem, entre eles o discurso (INDURSKI, 1997). São fenômenos, cujas problemáticas não se resolvem pelas estruturas internas da língua, seja uma morfologia, uma sintaxe ou uma semântica – fenômenos que frequentemente direcionam a resolução dos problemas para fora do sistema linguístico. É nesse sentido que Ribeiro (2007) afirma que a Linguística não foi construída para entender a linguagem humana, mas o seu instrumento técnico, a língua. No entanto, de maneira alguma isso significa que seja possível prescindir da Linguística para explicar os fenômenos da linguagem humana. De acordo com Crestani (2001, p. 17), “a linguística ao invés de excluir o discurso, deve ajudar a explicá-lo”.

3.2 Aspectos da linguagem humana para Bakhtin

Em uma outra perspectiva, Bakhtin, filósofo marxista, refletiu sobre a questão da linguagem humana de forma diferente. Enquanto Saussure concentra a

atenção na língua, rejeitando as manifestações individuais, considerando a como um sistema abstrato ideal, um sistema sincrônico e homogêneo, que se funda nas necessidades da comunicação, Bakhtin valoriza a fala, a enunciação, e afirma a sua natureza social (YAGUELLO, 2006). A fala para Bakhtin será o único meio material que se dispõe para entender a linguagem humana (RIBEIRO, 2007).

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), o filósofo constrói a sua reflexão a partir do debate com as duas principais correntes filosóficas de seu tempo, o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista.

Para Bakhtin (2006), a primeira corrente, objetivismo abstrato, considera a língua independente de todo ato de criação individual, é uma norma indestrutível, peremptória, imutável, que os indivíduos só podem aceitar como tal – um sistema de normas que está acima do falante da língua e das relações sociais, um instrumento pronto para uso. A segunda corrente, o subjetivismo idealista, considera que “o psiquismo individual constitui a fonte da língua” (p. 71), a língua é um “ato de criação individual” (p. 72), e por isso para entender os fenômenos da linguagem humana devem ser estudados “as leis da psicologia individual” (p. 71).

As duas correntes com as quais o autor dialoga são criticadas no decorrer de sua obra, na medida em que a natureza social da linguagem humana é deixada de lado, ambas correntes erguem as estruturas de suas filosofias partindo de uma concepção monológica da linguagem, uma centrada no sistema e a outra no indivíduo, excluindo assim uma concepção dialógica.

Bakhtin (ibidem, p. 91) afirma que os adeptos do objetivismo abstrato constantemente acentuam o caráter imutável e rígido da língua, a qual os falantes só podem aceitar como tal. De acordo com o autor, este aspecto somente é verdadeiro para a consciência do falante no momento em que enuncia, e que em uma perspectiva diacrônica a língua muda, assim como muda toda norma social. O autor ainda acrescenta que a concepção de língua padrão, fixa, estática, é uma mera abstração, produzida por complexos procedimentos intelectuais, produto de uma reflexão, que no entanto não corresponde aos propósitos da comunicação, pois para o falante o que importa não é um sistema imutável e pronto para uso, mas “aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto” (ibidem, p. 94). Em outras palavras, o que importa para o falante não é a forma linguística enquanto

sinal, sempre igual, com sua significação estancada como em um dicionário, mas “somente enquanto signo sempre variável e flexível” (idem), a possibilidade da forma linguística em adquirir variadas significações.

Bakhtin (ibidem, p. 114) afirma que os adeptos do subjetivismo idealista consideram o psiquismo individual como a fonte da língua. O indivíduo está na origem do dizer, e diz aquilo que deseja e tem vontade: é a expressão da consciência individual, que de alguma maneira se forma e se organiza no interior do indivíduo, e se expressa para o exterior por meio da língua. A língua para essa corrente é um puro suporte para a expressão do pensamento. O autor (idem) contraria tal concepção na medida em que afirma que o conteúdo a exprimir e a sua expressão constituem do mesmo material semiótico: a palavra. Isso significa que para o filósofo russo não pode haver “atividade mental sem expressão semiótica” (idem); ou seja, não pode haver pensamento sem linguagem, ou antes dela, cuja origem fosse a mente de um indivíduo. Ao mesmo tempo, acrescenta também que a enunciação, longe de ser organizada no interior do indivíduo, é determinada pelo exterior: a enunciação de um indivíduo muda, conforme mudam os seus interlocutores, o seu auditório social, o contexto, a situação social.

Essa orientação da palavra em função do locutor eleva enormemente a importância do outro na compreensão da linguagem humana. A palavra, para Bakhtin (ibidem, p. 115), é uma espécie de ponte que une uns aos outros, ela é determinada sempre pelo fato de que procede de alguém e se dirige para alguém, é o produto da interação social. A palavra suscita respostas, trava polêmicas, conta com reações ativas etc. Entendida dessa maneira, pela metáfora da ponte, toda enunciação se constitui como “um elo da cadeia dos atos de fala” (ibidem, p. 99). A linguagem humana, assim, é uma espécie de corrente sem fim e sem começo.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), o autor desenvolve a sua teoria valorizando aquilo o que as outras duas correntes não valorizaram, a interação social. Para Bakhtin, a possibilidade mesma de existir a linguagem humana é justamente devido a interação entre interlocutores, e é por ela, e através dela, que os indivíduos se constroem.

A partir deste momento, caminharemos para uma outra direção teórica, no entanto é preciso destacar que as reflexões de Bakhtin estão adiante do seu tempo,

a ponto de antecipar e influenciar os estudos do texto e do discurso a partir dos anos 60. Strogenski (2003, adaptado) afirma que embora o objetivo de Bakhtin tenha sido o estudo de aspectos literários, as suas reflexões “ultrapassam os limites da teoria da literatura e tornam-se reflexões apropriadas aos estudos de uma linguística abrangente [...] e não reducionista, diferente da linguística estruturalista, de inspiração sausseriana, praticada em sua época”.

É importante trazer essas reflexões teóricas em nosso estudo para afirmar um primeiro posicionamento em relação a concepção de linguagem humana, sobre a qual partimos. Nesse sentido, negamos a concepção que a considera a língua como um sistema abstrato, uma ferramenta pronta para uso pelos falantes, e ao mesmo tempo a que considera a língua como suporte para a expressão do pensamento, como se a origem da linguagem fosse o sujeito.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO

Como afirmado anteriormente, a Linguística ao tornar a língua em seu objeto de estudo, abdicou de uma série de fenômenos da linguagem humana, cujas problemáticas não se resolvem pelas estruturas internas da língua. Nesse sentido, tais problemas, de acordo com Possenti (2007, p. 353), requerem geralmente um tipo de “ingrediente extra”, que seria necessário considerar para entender como uma língua funciona, ingrediente que, por exemplo, pode dizer a respeito de aspectos históricos, sociológicos, cognitivos etc., sempre entrelaçado com a língua. Isso significa que trabalhar com o discurso é uma prática que vai além da Linguística para focar as práticas do dizer.

Esse objeto discurso, de acordo com Crestani (2001, p. 16), não é algo homogêneo, transparente, perfeitamente delimitado, e que bastaria apenas dele se aproximar para “extrair de um todo acabado os conceitos, o modelo de análise, aplicando-o empiricamente”. Esse objeto heterogêneo, opaco, imperfeitamente delimitado, muda, conforme muda a perspectiva teórica a partir da qual se observa os fenômenos da linguagem. Afinal, de acordo com Saussure (2006), é o ponto de vista que cria o objeto.

Portanto, de acordo com Baronas (2008, p. 172), “o discurso não delimita um domínio que possa ser estudado por uma disciplina coerente. É, antes de mais nada, uma maneira de apreender a linguagem”.

5 ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Uma dessas formas de apreender a linguagem é pelo caminho da Análise do Discurso. Dentre as diversas linhas teóricas, no presente estudo a linguagem será apreendida mais especificamente pela tendência francesa (AD). Essa linha nasceu na década de sessenta, e Michel Pêcheux é considerado como o autor mais representativo dessa corrente. Na AD as questões da constituição do sujeito e do sentido são fundamentais, e atravessadas pela noção de ideologia. No entanto, antes de prosseguir nessas questões, é preciso retomar alguns pontos do pensamento marxista althusseriano no que diz respeito aos Aparelhos de Estado.

5.1 Aparelhos de Estado

Em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1980), Althusser desenvolve um estudo a partir do entendimento de que na sociedade “não há produção possível, sem que haja a reprodução das condições materiais da produção” (ibidem, p. 13). Ou seja, para que a produção de algo seja possível, é necessário a reprodução dos seus meios, e isso envolve a reprodução das condições materiais e da força de trabalho.

Althusser (idem) explica que as condições materiais são as matérias-primas, as instalações fixas, as máquinas, os instrumentos de produção etc., das quais é necessário a reposição com o passar do tempo; enquanto que a reprodução da força de trabalho envolve o pagamento do salário, a qualificação da força produtiva e a perpetuidade das relações de produção. Segundo o autor, o salário é o que permite ao trabalhador a reconstituição de suas forças, “ter casa para morar, roupa para vestir, ter de comer, numa palavra poder apresentar-se amanhã – cada

amanhã que Deus dá – ao portão da fábrica” (ibidem, p. 18); a qualificação da força produtiva é o que provém do sistema escolar capitalista e de outras instâncias e instituições, onde no interior dessas se aprende saberes práticos – “uma instrução para os operários, outras para os técnicos, uma terceira para os engenheiros, uma outra para os quadros superiores, etc” (ibidem, p. 20 – 21); e as relações de produção são as relações entre os homens, nas quais ocorrem a submissão do proletário à ideologia dominante e a capacidade de bem manejar esta ideologia pelos agentes de repressão e exploração.

Nesse sentido, em um dos pontos centrais da obra, o autor procura compreender como ocorre a reprodução das relações de produção, imprescindível para a reprodução dos meios de produção, e para isso parte para uma reflexão sobre o papel do Estado.

Na perspectiva marxista, o Estado é compreendido como aparelho repressor, que assegura às classes dominantes, aqueles que detêm as condições de produção, a exploração da mais-valia do proletário, a exploração capitalista (ibidem, p. 31). É nesse sentido, que Althusser (idem), considera as instituições existentes na sociedade, tais como o Exército, a Polícia, a Escola, a Família, a Igreja, os Meios de Comunicação e de Informação etc., em aparelhos de Estado, onde o funcionamento dessas ocorre simultaneamente pela repressão e pela ideologia, mas com a predominância de uma dessas formas. Em outras palavras, para assegurar a ordem das coisas, por exemplo, o Exército e a Polícia funcionariam principalmente pela repressão; ao passo que a Escola, a Família e a Igreja pela ideologia. Essas instituições, de acordo com o seu funcionamento predominante, são chamadas em aparelhos repressivos de Estado ou aparelhos ideológicos de Estado.

No entanto, é importante compreender que se somente houver reprodução das relações de produção, não haverá espaço para a transformação delas, e por isso Althusser (ibidem, p. 54) acrescenta que os aparelhos ideológicos são geralmente também a expressão, ou o palco, da ininterrupta luta de classes na sociedade, pois são “múltiplos, distintos, relativamente autônomos” (idem), e é essa luta que abre a possibilidade para a transformação das relações entre os homens. Ao passo que nos aparelhos repressivos, essa transformação das relações de

produção são mais difíceis de ocorrer, pois eles constituem um todo organizado, onde os membros respondem a uma unidade de comando.

Diante desse quadro, surge então a necessidade de compreender o termo ideologia, que longe de ser irrelevante, é um dos principais na Análise do Discurso. Compreendido em Marx com o sentido de ocultamento da verdade, ressignificada por Althusser, e posteriormente incorporada por Pêcheux.

5.2 Ideologia

Na obra *Ideologia Alemã*, Marx e Engels (1999) partem da concepção de que a produção das ideias, da consciência, das representações do homem etc. está intimamente ligada à sua atividade material. Segundo os autores (ibidem, p. 9), são as condições materiais, as forças produtivas do homem e suas relações, que determinam o plano das ideias, e não o contrário; isto é “não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência” (idem). Compreendido assim, Marx concebe inicialmente o termo ideologia como a separação que ocorre entre o plano material e o plano das ideias, o que confere ao primeiro plano uma autonomia relativa (BRANDÃO, 2012).

Partindo do entendimento de que em cada época as ideias da classe dominante são as ideias dominantes – uma vez que ao possuírem à sua disposição os meios de produção material, dispõe também dos meios de produção espiritual –, Marx compreende a ideologia como um instrumento de dominação de classe. A ideologia, entendida dessa forma, é ilusão, abstração, inversão, que elimina as contradições de classe, das forças de produção, das relações sociais, ocultando assim a realidade dos homens (ibidem, p. 21).

Essa noção de ocultamento é ressignificada por Althusser ao reler as obras de Marx. Na continuação de *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980), o termo ideologia é compreendido como aquilo que “[...] representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência” (ibidem, p. 77). Em outras palavras, a ideologia é a forma pelo qual os homens vivem sua relação com o mundo, com as condições reais de existência, e essa relação é sempre imaginária,

sempre mediada por formas simbólicas. Essa concepção se aproxima muito daquela que Bakhtin (2006) enunciou sobre o signo ideológico, considerando o como parte de uma realidade concreta, mas que também reflete ou refrata uma outra realidade; como o martelo e a foice, por exemplo, que existem no mundo como objetos concretos, mas que enquanto signos ideológicos podem representar respectivamente a classe operária e camponesa no símbolo da antiga União Soviética. No entanto, é importante antecipar aqui as contribuições de Narzetti (2011) ao afirmar que enquanto para Bakhtin os signos (verbais e não-verbais) são os elementos materiais da ideologia; na AD, além dessas, são consideradas também os gestos, os rituais e os aparelhos de Estado, como elementos constitutivos da ideologia. Nesse sentido “as ideologias não são feitas de ‘ideias’, mas de práticas” (PÊCHEUX, 2009, p. 130); isto é, o termo sai do plano das ideias, do abstrato e espiritual, e ganha materialidade na medida em que envolve a participação do sujeito em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. É através dos rituais materiais da vida cotidiana que toda ideologia tem a função de constituir indivíduos concretos em sujeitos; isto é, a ideologia interpela indivíduos em sujeitos (ALTHUSSER, 1980; BRANDÃO, 2012).

Assim, a ideologia não é entendida como ilusão, ocultamento ou inversão da realidade, mas aquilo que possui materialidade, representa justamente a relação imaginária do homem com o mundo e constitui indivíduos em sujeitos através das práticas e rituais realizados no interior dos aparelhos de Estado. Tal perspectiva adotada no presente estudo não abandona o caráter marxista da luta de classes dentro da sociedade, muito menos as formas de dominação e de exploração capitalista que nela circulam, apenas acentua o caráter de que não estamos trabalhando com a perspectiva da ideologia como ilusão por motivos de escolha teórica.

5.3 Formação Ideológica e Formação Discursiva

Como afirmado anteriormente, para que haja produção é necessária a reprodução de suas condições, que por sua vez está relacionada a

transformação/reprodução das relações de produção no interior dos aparelhos ideológicos de Estado.

De acordo com Courtine (2009), os aparelhos ideológicos são realidades complexas e contraditórias na medida em que o antagonismo de classe existente na sociedade determina a luta delas no interior desses aparelhos. Esse confronto “[...] são posições políticas e ideológicas que não se devem aos indivíduos, mas que se organizam em formações mantendo entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação” (HAROCHE et. al., 1971 apud COURTINE, 2009, p. 102)¹². A luta de classe está expressa em conjuntos complexos de representações e atitudes, chamadas de formações ideológicas (FI), que não são “nem individuais” ou “universais”, mas que estão relacionadas “mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras” (idem).

Na medida em que a ideologia, na perspectiva althusseriana assumida, representa “a relação imaginária do homem com o mundo” e possui existência material, de acordo com Courtine (2009) o discurso é então considerado como um de seus aspectos materiais. Isso significa que palavras, frases, expressões etc. são uma das formas materiais da ideologia.

Nesse sentido, é entre as “atitudes e representações” das formações ideológicas, que estão intrincadas as formações discursivas (FD). Esse conceito, inicialmente elaborado por Foucault na obra *Arqueologia do Saber*³, é ressignificada por Pêcheux (2009, p. 147), e entendida como

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.).

As formações discursivas não possuem fronteiras delimitadas, prontas e fechadas em si mesmas, não são um bloco maciço, que separam um exterior de um interior, mas são móveis em função do embate da luta de ideológica (COURTINE &

2 Haroche, C.; Henry, P. Pêcheux, M. *Lá sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours.* Paris, 1971.

3 A formação discursiva é compreendida como um conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras de formação, historicamente determinadas (FOUCAULT, 2008).

MARADIN, 1981 apud BRANDÃO, 2012, p. 51)⁴. Metaforicamente, as FD são como nuvens, cujas figuras que se formam são constantemente redesenhadas aos poucos pelo vento, pela luta ideológica. Elas não são isoladas umas das outras, mas constantemente atravessadas por outras formações discursivas, mantendo entre si relações de aliança, conflito, neutralidade, subordinação etc. (PÊCHEUX, 2009).

É no interior desse espaço de relações entre as formações discursivas, que determina uma FD dominante (PÊCHEUX 2009). Esse espaço de relações, chamado de interdiscurso, é o “todo complexo com dominante” das formações discursivas” (ibidem, p. 149).

5.4 Sentido e Sujeito

A partir do entendimento de que o homem e suas reais condições de existência estão mediados por formas simbólicas, mediados pela ideologia, e de que essas representações e atitudes estão mais ou menos relacionadas a posições de classe na sociedade, Pêcheux considera a questão do discurso como efeito de sentido entre interlocutores, e considera a não transparência da linguagem (ORLANDI, 2005). De acordo com Pêcheux (2009, p. 146):

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Isso significa que a linguagem também não é transparente. A ordem do mundo e a ordem da linguagem são diferentes, não se mantém em relação direta, como se a linguagem refletisse o mundo, a possibilidade mesma dessa relação é mediada pela ideologia (ORLANDI, 1994). É dessa forma que se afirma na AD que a linguagem não é transparente, pois o sentido das palavras, expressões e proposições não estão nelas mesmas, mas é determinado em função das posições

4 Courtine, J.-J. E Maradin, J.-M. Quel objet pour l'analyse du discours?, in *Matérialistés dicousives*. Lille, 1981.

sócio-históricas, pelas formações discursivas intrincadas no conjunto de representações e atitudes das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2009).

Ao mesmo tempo, a afirmação acima significa que palavras, expressões e proposições diferentes podem ter o mesmo sentido se a origem desse sentido for de uma mesma FD. Esse sistema de substituições, paráfrases, sinônimos etc., que pode ocorrer no interior de uma formação discursiva, é chamado de processo discursivo (ibidem, p. 148).

Em consequência, a fala de um sujeito sempre partirá de alguma posição sócio-histórica, pois o seu dizer está relacionado às FD, que por sua vez estão relacionadas às posições de classe numa sociedade em uma conjuntura qualquer. É válido trazer aqui a contribuição de Souza (2006, p. 129), que em retorno ao pensamento de Foucault, afirma que as palavras no mundo posicionam os sujeitos, tanto os que recebem, quanto os que produzem, de tal maneira que analisar a relação entre o autor e o que ele diz, consiste em “determinar que posição pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que ele seja o sujeito dela”.

Diante dessas concepções, é válido acrescentar também que a linguagem humana nunca será neutra, sempre haverá parcialidade na medida em que sempre partirá de algum lugar sócio-histórico. De acordo com Strogenski (2005), quando o sujeito narra sobre um fato presenciado qualquer, ele se insere em sua própria história, a narrativa é atravessada pela linguagem, e por mais sincero que ele tente expressar as suas palavras, estas jamais estarão isentas.

Uma vez que a formação discursiva, da qual provém o sentido, determina “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, op. cit.), na Análise do Discurso o sujeito não pode dizer tudo aquilo que deseja. É nessa direção que Pêcheux contraria uma concepção de sujeito cartesiano, sujeito do cogito, centrado em seu próprio eixo, senhor dos seus atos, de suas vontades, livre de determinações, e dialoga com as obras da Psicanálise, trazendo para o campo da Análise do Discurso uma concepção de sujeito clivado, assujeitado, submetido ao inconsciente e às determinações sócio-históricas (FERREIRA, 2005).

Nessa perspectiva não é possível tomar como base teórica um sujeito que diz somente aquilo o que deseja, no sentido de que toda possibilidade de dizer as coisas está ao seu alcance, e que atravessado por uma concepção de linguagem

transparente, acredita que o sentido está inerente às palavras, e supõe que aquilo que diz será entendido igualmente por todos (CORACINI, 2011).

Embora haja diversas reflexões e críticas enriquecedoras sobre a questão do sujeito, (POSSENTI, 2007; STROGENSKI, 2003), a consideraremos na perspectiva de Pêcheux. Nessa direção, a ideologia, entendida como estrutura-funcionamento⁵, fornece uma série de evidências para que o indivíduo se constitua em sujeito. Esse processo, que é chamado de assujeitamento, envolve a sua participação em práticas e rituais materiais da vida no interior de aparelhos concretos (PÊCHEUX, 2009).

É nesse momento, que a questão do sentido se encontra intimamente relacionada com a questão do sujeito a partir das evidências que a ideologia fornece, pois o sentido daquilo o que o sujeito diz provém da formação discursiva dominante, ao mesmo tempo aquilo o que ele diz é evidente, portanto o sujeito está assujeitado a formação discursiva que o domina.

Como todas as evidências, inclusive aquelas que fazem com que uma palavra ‘designe uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusas as evidências da ‘transparência’ da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e que isto não constitua um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar (ALTHUSSER, 1980, p. 95).

De acordo com Pêcheux (2009), o sujeito não pode se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina, o que significa dizer que a “liberdade” (ibidem, p. 164) de dizer sobre as coisas do mundo é a liberdade dele variar suas palavras no interior da formação discursiva dominante. No entanto isso não significa que os sujeitos e sentidos estão assim determinados para sempre em uma mesma FD, pois o processo ideológico de assujeitamento contraditoriamente pode desconstruir a relação do sujeito com a FD que o domina por um processo, chamado de desidentificação, o qual assujeitará o indivíduo a uma outra FD, que por sua vez então lhe fornecerá outros sentidos, outras evidências (PÊCHEUX, 2009). De acordo com Orlandi (2005), nem sujeitos, nem sentidos, estão estancados, na medida em

5 Assim como o Inconsciente, a Ideologia dissimula a sua própria existência no interior do seu próprio funcionamento (PÊCHEUX, 2009).

que todo dizer está numa relação tensa entre paráfrase e polissemia, numa relação entre a retomada de sentidos preexistentes e a ruptura desses em direção ao novo.

5.5 Esquecimento, Pré-construído, Sustentação

No processo de assujeitamento, faz parte o processo de esquecimento, que não é voluntário, e nem é entendido como uma “perda de memória” de algo que um dia tenha sabido, mas é um processo relacionado ao inconsciente e ao semiconsciente (PÊCHEUX, 2009, p. 150). Orlandi (2005) explica que o primeiro tipo é o esquecimento estruturante, ideológico, que faz com que o sujeito tenha a ilusão de ser a origem do dizer; enquanto que o segundo determina a ilusão da realidade do pensamento, fazendo com que se acredite na relação direta entre o “pensamento, a linguagem e o mundo” (ibidem, p. 35), como se as palavras referissem ao mundo diretamente. A autora acrescenta que o segundo tipo é semiconsciente na medida em que o sujeito muitas vezes retoma sobre aquilo o que diz para mudar, especificar melhor, o seu dizer.

De acordo com Orlandi (2005), as palavras não se originam em nós, quando nascemos os discursos estão em processo, em andamento, elas se realizam em nós, somos o seu caminho. Segundo a autora, somos a origem do dizer na medida em que esquecemos o que já foi dito, para quando retomá-las da memória, do interdiscurso, nos identificarmos, e assim se constituir em sujeitos. A memória é o interdiscurso, compreendida como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente, é o saber discursivo que torna possível todo dizer, e que sustenta cada nova enunciação, cada nova tomada de palavra, fornecendo ao sujeito a realidade e seu sentido (PÊCHEUX, 2009).

Ao dizer, o sujeito retoma elementos do interdiscurso, chamados de pré-construídos, que é “uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao o que é ‘construído’ pelo enunciado” (ibidem, p. 89). O trecho abaixo em destaque do discurso de um ateu, retirado da obra de Pêcheux, exemplifica essa questão, onde um elemento pré-construído (“que salvou o mundo morrendo na cruz”) retorna do interdiscurso para fazer parte da fala do sujeito ateu: “Aquele **que**

salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu” (ibidem, p. 88, adaptado). Ao mesmo tempo, esses elementos pré-construídos muitas vezes estão articulados ao que o sujeito diz, e sustentam o seu dizer sem necessariamente aparecer, como em: “O gelo, que tem um peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água” (ibidem, p. 100 – 101), onde o pré-construído “que tem um peso específico inferior da água” sustenta a expressão geral, e que por supressão desse pré-construído pode aparecer como: “O gelo flutua sobre a água”.

Dessa forma, o que já foi dito antes, em outro lugar, independentemente, retorna da memória, do interdiscurso, na forma de pré-construído e se articula para fazer parte do dizer de um sujeito falante. Aquilo que retorna do interdiscurso será direcionado pela formação discursiva dominante, que por sua vez dará ao sujeito o sentido e a realidade das coisas (ORLANDI, 2005). No interdiscurso fala uma voz sem nome (COURTINE, 1982).

6 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLITICAS DA TESE DE COURTINE

Em sua tese, *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, Courtine (2009) analisa um conjunto de discursos elaborados pelo Partido Comunista Francês dirigidos aos cristãos no período de 1936 a 1976. O autor realiza uma série de procedimentos metodológicos e de considerações teóricas, as quais em alguns pontos serão consideradas no presente estudo. De forma resumida, o autor diante dos textos reunidos do Partido Comunista Francês, localiza e segmenta sequências discursivas a partir de estruturas sintáticas do tipo “É X O QUE P”, as quais lhe permite observar temas de discursos. A partir das sequências discursivas extraídas, o autor observa o aparecimento de uma rede de formulações interdiscursivas, a qual lhe possibilita observação da ocorrência de uma “forma indefinidamente repetível” (ibidem, p. 194), chamada de enunciado.

6.1 Entradas de um tratamento discursivo

Courtine (2009) afirma que não é uma grade de marcas enunciativas, nem de uma lista de termos pivôs, que constituem os procedimentos que permitem localizar e extrair sequências discursivas, “mas um conjunto de pares associados, numa formulação, uma forma sintática determinada e um conteúdo léxico semântico dado” (ibidem, p. 153). Segundo o autor, as operações para a constituição do corpus com base em marcas enunciativas são problemáticas, pois consideram que as decisões tomadas pelo sujeito é o que justifica o aparecimento de determinadas formas sintáticas no texto; e a seleção de termos pivôs para um tratamento discursivo também é, na medida em que a constituição de um corpus seria determinado com base em um saber a priori. Dessa metodologia o corpus consistiria então de uma lista de frases, que após seriam normalizadas com base na equivalência de estruturas sintáticas – esse procedimento é chamado de tema de discurso, que consiste em uma proposição ou um conjunto de proposições que exprime um interesse do locutor. Esse tema de discurso é pressuposto em uma pergunta, e conservado em sua resposta (ibidem, 155).

De acordo com Courtine (ibidem, p. 156), esse problema da seleção de termos pivôs nos *a priori* do analista é mascarado, e se torna uma possível solução, se frente a um conjunto de arquivo o analista realizar a pergunta [2] no lugar da [1]:

[1] O que é X? (onde X = um lexema determinado, escolhido a priori como termo pivô, aparecendo como tema de discurso pressuposto da questão).

[2] Como, no próprio discurso e pelo próprio discurso, um elemento determinado pode ser caracterizado como tema de discurso? (como, isto é: pela presença de quais estruturas, sob que forma linguística?).

Ao relacionar essa solução com a noção de tema de discurso, o autor é orientado a escolher as estruturas sintáticas “É X O QUE P” e de suas variações como formas de localização e extração de sequências discursivas, conforme o exemplo abaixo (idem, p. 156):

Quem pode temer um avanço das liberdades? É a aristocracia do dinheiro que tem medo da liberdade.

Na qual:

(1) uma pergunta é formulada;

(2) a existência de um tema de discurso é localizada pelo pressuposto da pergunta:

Existe ALGUÉM que pode temer um avanço das liberdades.

(3) a resposta identifica um elemento determinado como o tema de discurso pressuposto pela pergunta:

Este alguém	pode temer um tal avanço das liberdades		É A ARISTOCRACIA
que	tem medo da liberdade		DO DINHEIRO

No entanto nem sempre estão presentes estruturas sintáticas do tipo “É X O QUE P” no corpus textual, nesse sentido o autor (ibidem, p. 157) se apoia nas propriedades das frases de identificação, as quais resultam na possibilidade de toda frase predicativa se transformar em frase clivada de forma equativa. O autor explica que as frases equativas são frases de forma SN_1 é SN_2 , nas quais são formas reversíveis (SN_1 é SN_2 – SN_2 é SN_1), onde “é” deve ser interpretado como “deve ser identificado a”, como por exemplo em (ibidem, p. 169):

[1] “O programa comum é a base de nossa ação – A base de nossa ação é o programa comum”.

Halliday (1967 apud COURTINE, 2009, p. 169)⁶ afirma que “toda frase predicativa pode se transformar em uma frase de identificação equativa através da nominalização (em O QUE P) de um conjunto de seus elementos”, como por exemplo:

[2] Nossos alunos estão jogando o lixo igual nas duas lixeiras.

[3] São nossos alunos quem estão jogando o lixo igual nas duas lixeiras.

Nesse sentido as frases predicativas podem se tornar em frases com estrutura sintática “É X O QUE P”, onde “X” é o elemento identificante, “É” é a cópula

6 Halliday, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. Journal of linguistics, 1967 – 1968.

de identificação equativa e “O QUE P” é o elemento identificado, ou a identificar (COURTINE, 2009, p. 169).

6.2 Ambiguidade e Interpretação

As estruturas sintáticas “É X O QUE P” e suas variantes, segundo Courtine (ibidem, p. 166) apresentam diversas propriedades, das quais a ambiguidade é uma delas, e é tratada de forma privilegiada em seu trabalho. Diante dessas formas sintáticas, o autor explica que elas podem receber diversos tipos de interpretação. Por exemplo (DUBOIS e DUBOIS-CHARLIE, 1970 apud COURTINE, 2009, p. 174, adaptado)⁷:

Como [...] decidir a possibilidade de dar à frase (1) a interpretação (1a) preferentemente à (1b)?

- (1) É a secretária que vi.
- (1a) É a secretária – e não o diretor – que vi.
- (1b) Esta secretária é a secretária que vi.

Courtine (2009, p. 174) afirma que em ambas as possibilidades a questão não se resolve na ordem língua, e que necessita de um elemento exterior ao funcionamento sintático para determinar a sua interpretação. Em seu trabalho, o autor pesquisa então sobre os efeitos de sentido contrastivo, constativo e dêitico que podem figurar nas formas sintáticas “É X O QUE P”. Mas antes de seguir adiante é importante afirmar que não é objetivo da presente pesquisa lançar um olhar constativo e dêitico sobre as formas “É X O QUE P” do corpus de estudo, o que não significa que elas não possam ocorrer concomitantemente com os efeitos contrastivos.

Courtine (ibidem, p. 176 – 178, grifos do autor, adaptado), diante de seu corpus de estudo, afirma que na interpretação contrastivas as frases são:

– frases com dois membros, do tipo:

7 Dubois, J.; Dubois-Chalier, F. *Éléments de Linguistique française*. Paris, 1970.

É X QUE P NÃO É Y QUE P

– frases com dois membros, cujo contraste é marcado pela antonímia entre duas relações predicativas ligadas por um articulador de oposição (mas, ao contrário):

É X QUE P1, mas É Y QUE P2

– frases com um membro, com uma negação contrastiva, do tipo:

NÃO É X QUE P

– A presença à direita de “É” de um modificador do tipo precisamente, somente, unicamente vem, em certos casos, facilitar a interpretação contrastiva, por exemplo, em:

[er]_{29,30} / Mas É precisamente por isso, É precisamente porque somos materialistas QUE... /

– Nesse tipo de funcionamento, só encontramos, em geral, um constituinte enquadrado por É... QUE; quando há vários deles, é uma relação de equivalência de tipo isto é que os vincula (por supressão de uma relativa explicativa), por exemplo, em:

[er]₂₁ / É por esse caminho, por uma luta calma, unida, responsável QUE a classe operária, nosso povo, imporão transformações democráticas... /

– Destacamos igualmente as combinações das formas: deslocamento à esquerda + pronominalização e É...QUE, como em:

[er]₁₉ / a violência, NÃO É de nós QUE ela vem e QUE jamais virá. /

Essa lista de tipos de frase na interpretação contrastiva⁸ é a que orientará a construção de uma estrutura discursiva de referência para a comparação dos dizeres na presente pesquisa. No entanto, é importante notar que, quando não está marcadamente presentes elementos que favoreçam para uma leitura contrastiva nas frases do tipo “É X O QUE P”, subsistem ambiguidades (ibidem, p. 178).

6.3 As condições do enunciado na forma contrastiva

Courtine (2009) através das estruturas sintáticas do tipo “É X O QUE P” localiza e extrai do conjunto de discursos produzidos pelo Partido Comunista

8 As frases contrastivas, segundo Courtine (2009), são frases de dois membros, nos quais é possível a supressão de um deles; como por exemplo a supressão do membro em parênteses: NÃO É X O QUE P, mas (É Y O QUE P).

Francês dirigidos aos cristãos diversas sequências discursivas, com os quais ele compara, e percebe a existência de uma rede de formulações interdiscursivas, onde a partir dessa rede ele depreende uma “forma indefinidamente repetível” (ibidem, p. 194), que pode ocasionar enunciações dispersas no meio de um processo discursivo. Para essa forma indefinidamente repetível ele chama de enunciado, e estabelece duas condições para que uma forma se constitua em um enunciado na interpretação contrastiva (ibidem, p. 195, grifos do autor):

Condição 1: que os conjuntos de elementos que vêm ocupar as posições [X, Y, P] sejam recorrentes e coocorrentes em um conjunto de formulações no interior do processo discursivo. Se a construção de $P\{\frac{X}{Y}\}$ foi possível no exemplo desenvolvido anteriormente (p. 194), é que se podiam destacar, da recorrência de certos elementos (violência, vir de, comunistas...) e de sua coocorrência em uma estrutura determinada, formas de invariância que se repetem no processo discursivo.

Condição 2: que $P\{\frac{X}{Y}\}$ seja uma condição de ocorrência de formulações de forma É X QUE P/O QUE P É X/X É O QUE P, e outras formas sintáticas marcando o contraste, no intradiscurso de sequências discursivas dominadas pela FD onde $P\{\frac{X}{Y}\}$ é um elemento de saber, assim como uma condição de interpretação dos efeitos de sentido relacionados ao funcionamento contrastivo dessas formas.

O enunciado na forma contrastiva, de acordo com o autor (2009), é $P\{X/Y\}$, onde P é um contexto de formulação comum, e $\{X/Y\}$ são dois valores antagonismos, não comutáveis. Essas duas condições acima decorrem da observação do autor de que nessa forma indefinidamente repetível há recorrência de certos elementos lexicais/de certas formas sintáticas, que mostram que o discurso manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para se atingir aos objetivos propostos dessa pesquisa, foi necessária a elaboração de questionários, realização de entrevistas, gravação de palestras, transcrição do material coletado e delimitação do corpus. Dessa forma, para cada

uma das etapas acima será exposto o seu procedimento metodológico acompanhado de alguns dos seus aspectos teóricos.

7.1 Elaboração de questionários

Para a elaboração de questionários, de acordo com Chagas (2000), não há uma metodologia padrão, mas apenas recomendações. Nesse sentido a construção desse instrumento de pesquisa é um procedimento empírico.

Günther (2003) e Chagas (2000) trazem em seus respectivos artigos uma série de recomendações para aqueles que desejam elaborar e aplicar um questionário. No entanto muitas dessas orientações são incompatíveis com a nossa pesquisa devido a concepção pressuposta da linguagem humana em seus trabalhos. Na Análise do Discurso, à qual nos filiamos, a concepção dessa linguagem possui densidade e espessura, ao contrário de uma linguagem transparente, sobre a qual frequentemente as Ciências Sociais se apoiam (ORLANDI, 2005), e presente nos trabalhos desses autores. Dessa maneira só serão considerados alguns pontos dos trabalhos desses dois autores.

Günther (2003, p. 3) afirma que o objetivo de um estudo determina as perguntas concretas de um questionário e, ao mesmo tempo, os conceitos a serem pesquisados, que se correlacionam com as perguntas. Nesse sentido, diante dos objetivos de nossa pesquisa, os conceitos de interdiscurso, pré-construído e paráfrase discursiva da AD parecem nortear em um primeiro momento na elaboração das perguntas, pois as análises, que se sucedem, são realizadas a partir da comparação dos discursos produzidos pelo grupo de funcionários voluntários antes e depois das palestras a partir de uma estrutura discursiva determinado como referência, que pode retornar do interdiscurso, na forma de pré-construído, para fazer parte da fala do sujeito. Dessa forma, uma das condições na elaboração do instrumento desta pesquisa é a presença de perguntas relacionadas à palestra, e que se elaboradas em questionários diferentes devem ser ao menos sustentadas pelo conceito de paráfrase discursiva.

Günther (ibidem, p. 14) e Chagas (idem), em relação a disposição das questões no instrumento de pesquisa, aconselham que se deve ordenar as questões do geral ao específico, e do menos sensível ao mais sensível. No entanto, não há procedimentos que definam o que é mais, ou menos, sensível; o que é mais, ou menos, geral. A dificuldade decorre a partir da seguinte indagação: é sensível/geral em relação a quê? Responder a uma pergunta desse tipo, não parece encontrar uma resposta na ordem na língua, por isso a ordenação dos elementos acaba por ser de uma maneira empírica com base no imaginário do pesquisador⁹. Diante da dificuldade, tentou-se então, na medida do possível, ordenar as questões conforme fossem mais, ou menos, geral/sensível.

Günther (ibidem, p. 16) e Chagas (idem) também mencionam a possibilidade da pergunta ser do tipo aberta ou fechada; isto é, perguntas que direcionam o entrevistado a responder abertamente, ou a escolher uma das alternativas dentre várias propostas pelo entrevistador. Independentemente das vantagens e desvantagens que esses autores apontam em seus trabalhos, um estudo realizado por Souza (1999) é determinante para a escolha do tipo de pergunta em nosso instrumento de pesquisa.

Em seu estudo, Souza (ibidem, p. 253), a partir dos pressupostos teóricos da AD, analisa uma enquete estruturada em múltipla escolha produzida por uma empresa nacional de pesquisa, e realiza a seguinte afirmação:

Entre o sujeito entrevistado e sua fala introduz-se uma instância de rarefação semântica materializada nas alternativas a serem preenchidas pelo entrevistador. Quer responda A, B, C ou D, o sujeito inquirido é interpelado em uma posição da qual não pode escapar. Da forma como se estrutura enunciativamente, a cena da aplicação do questionário emerge regida por uma outra voz cujo efeito é converter o entrevistado em refém das palavras alheias.

Em outras palavras, perguntas que exigem uma resposta do tipo fechada encerra o espaço discursivo do entrevistado, cuja resposta estará presa e delimitada pelas posições discursivas prévias que o próprio entrevistador lhe propõem. Nesse

9 Trata-se da imagem que o locutor faz do seu interlocutor; da imagem que o seu interlocutor faz do seu locutor; da imagem que cada um faz do objeto discursivo, da imagem que o locutor faz da imagem que faz dele, da imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso etc. (ORLANDI, 2005, p. 40).

sentido, a afirmação de Souza orienta a nossa escolha por perguntas que solicitam respostas do tipo aberta.

Dessa forma, com base nas considerações acima, os questionários 1 e 2 foram produzidos¹⁰, cujas perguntas, relacionadas ao objetivo do presente estudo e a determinados conceitos da Análise do Discurso, solicitam uma resposta do tipo aberta ao entrevistado.

7.2 Realização de entrevistas e gravação das palestras

Para a coleta de dados inicialmente é elaborado um termo de consentimento, o qual esclarece sobre a pesquisa antes da participação do entrevistado. Nesse documento são explicados os objetivos e a duração do estudo, e informa-se sobre a livre opção que o participante tem de recusar quaisquer perguntas, ou até mesmo de desistir do projeto todo a qualquer momento, sem prejuízos para ele. Orienta-se também sobre o anonimato e a confidencialidade das respostas ao substituir os seus nomes por um outro qualquer, além de realizar um tratamento nas gravações de áudio para não identificá-los. Por fim, são explicados os benefícios para a produção do conhecimento ao participar do projeto.

Dentre os alunos participantes da campanha “*Jogada Certa*” e os funcionários responsáveis pela limpeza e manutenção da universidade, aqueles que se voluntariaram assinaram o termo em duas vias. Em seguida, para efeitos de organização, o grupo de alunos voluntários foi chamado de grupo “A”; e o dos funcionários voluntários de grupo “F”.

Com todos os participantes da pesquisa, foi realizada então a primeira parte da coleta de dados na segunda quinzena de outubro de 2011. Ao aplicar o questionário, ofereceu-se a possibilidade deles responderem às perguntas em forma escrita ou oral. Para aqueles que optaram pela segunda opção, as perguntas foram lidas conforme elaboradas, e as entrevista gravadas em áudio. Em seguida, após trinta dias, ocorreu a gravação em áudio das palestras da campanha “*Jogada Certa*” ministradas por alguns alunos do grupo “A”, e destinadas a todos os funcionários

10 ANEXO A.

responsáveis pela limpeza e manutenção da universidade, do qual os participantes do grupo “F” fazem parte. Por fim, na segunda quinzena de fevereiro de 2012 foi aplicado um segundo questionário da mesma maneira que realizada pela primeira vez, mas somente ao “GRUPO F” em função dos objetivos da pesquisa.

Para cada etapa desse processo da coleta de dados, foi realizada uma triagem, pois apenas fizeram parte do grupo de estudo os alunos que assinaram o termo de compromisso e responderam ao questionário 1, e os funcionários que assinaram o termo de compromisso, responderam aos questionários 1 e 2, e participaram das palestras da campanha “*Jogada Certa*”.

Nesse sentido, um total de 18 alunos e 19 funcionários compõem o grupo de estudo, a partir dos quais se obteve 18 e 38 questionários respectivamente, que por sua vez somadas às palestras realizadas pela campanha “*Jogada Certa*” compõem um total de 58 arquivos. Em seguida, os dados coletados foram transcritos para a forma digital.

7.3 Transcrição das entrevistas

A etapa da transcrição do material coletado para uma outra forma é um processo que inevitavelmente perde as particularidades e características de uma linguagem viva, de tal forma que o acontecimento nunca será totalmente apreendido (MACHADO, 2011). Acreditar que é possível tal apreensão, tal tradução do real pela linguagem, é pressupor uma linguagem transparente.

Nesse sentido, transcrever uma entrevista, a passagem do áudio para o papel, é uma tarefa complexa, e encontra maiores barreiras ao levar em consideração os pressupostos teóricos sobre os quais nos baseamos.

Alguns autores elaboraram determinados procedimentos e orientações para realizar a transcrição. São tentativas para a transposição dos dados. Marcuschi (1986 apud MANZINI, 2006)¹¹ é um deles, e elabora quatorze sinais para essa tarefa. No entanto é interessante observar que as bases epistemológicas desse autor são da Análise da Conversação (AC), campo de saber diferente da Análise do

11 Marcuschi, L. A. Análise da Conversação. São Paulo, 1986.

Discurso. São outros saberes, sobre os quais se erguem outras práticas e outros procedimentos, e que não basta simplesmente fazer um recorte dos instrumentos teóricos e metodológicos deles, e aplicá-los à AD.

É interessante observar que na proposta de Marcuschi (idem), o autor não trata dos sinais de pontuação: ponto final [.] , vírgula [,] , ponto e vírgula [;] etc. Pensar a relação desses sinais com a transcrição das entrevistas e da palestra em uma perspectiva discursiva é um convite para uma reflexão sobre a questão da interpretação, que Orlandi (2005b) realiza. Não é objetivo nosso trazer todas essas reflexões à luz, mas é necessário aproximar de algumas considerações. De acordo com Orlandi (ibidem, p. 116, adaptado),

[...] a pontuação é uma violência simbólica necessária: um mecanismo que administra nossa relação à incompletude da linguagem, trabalhando a incompletude do sentido e o inacabado do sujeito. [...] A pontuação serve assim para marcar divisões, serve para separar sentidos, para separar formações discursivas, para distribuir diferentes posições dos sujeitos na superfície textual. Elas indicam modos de subjetivação.

Orlandi (ibidem, p. 126) em seu estudo ressalta da dificuldade que toda transcrição, independentemente do método, tem em relação à pontuação, na relação com a palavra do outro, pois transcrever é organizar o seu dizer, é organizar os pontos de subjetivação do outro. De acordo com a autora (idem):

[...] por ser a transcrição uma relação do oral com o escrito – como se pode pontuar um texto no oral? – a pontuação mostra como o sujeito lê, como ele compreende sentidos, através de um dispositivo que organiza o texto a partir do discurso em questão.

Nesse sentido, isso orienta o nosso raciocínio de que toda transcrição é propriamente um ato de interpretação nosso nos dizeres do outro. Um ato inevitável. Dessa forma, a transcrição dos dados ocorreu conforme o nosso gesto interpretativo.

7.4 Constituição do Corpus

Devido ao grande volume de dados coletados, convencionou-se para a constituição do corpus um recorte nos trechos das entrevistas onde ocorrem as perguntas no questionário 1 “o que significa para você o termo lixo” e “o que significa para você o termo reciclagem”; e no questionário 2, “o que é o lixo para você” e “o que é a reciclagem para você”. Somado a isso, em função dos objetivos do estudo, as palestras também foram consideradas como constituintes.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de realizar as comparações dos dizeres do grupo F, é necessária a elaboração de uma estrutura discursiva de referência, que possibilite comparar com o que é dito antes e depois das palestras.

8.1 Elaboração de uma estrutura discursiva de referência

A estrutura discursiva de referência é elaborada a partir de uma interpretação contrastiva das formas “É X O QUE P”. Seja a formulação:

[1] “[...] Então, resíduo é todo material resultante da atividade humana que possui um valor agregado e é possível de reutilização. Então, naquele caso é o papel e os vidros. E, lixo é todo e qualquer material que não é possível de reutilização [...]”

é possível observar a presença de estruturas sintáticas do tipo “SN₁ é SN₂ QUE P”, que é uma derivada das formas “X É O QUE P” de Courtine (2009, p. 181). A presença de uma negação na formulação [1], e o seu deslocamento para a esquerda de “É”, possibilita o aparecimento de uma frase contrastiva, da qual o

segundo membro é fornecido pela própria sequência intradiscursiva, condensada da seguinte maneira:

[1a] resíduo é o que (possui valor agregado e) é possível de reutilização, e lixo não é o que é possível de reutilização.

Ao suprimir a parte em parênteses a frase [1a] se torna:

[1b] Resíduo é o que é possível de reutilização, e lixo não é o que é possível de reutilização.

Essa formulação [1b] possui o antagonismo entre os termos resíduo e lixo, o uso contrastivo da cópula de identificação (é/não é) e a possível supressão de um dos membros de sua estrutura. Sua forma pode ser expressa pelas seguintes maneiras:

[1c] X É O QUE P, e Y NÃO É O QUE P

[1d] $\left\{ \frac{X}{Y} \right\} \left\{ \frac{é}{não\ é} \right\} OQUEP$

onde “O QUE P” é um constituinte com um valor constante, no caso: “é possível de reutilização”; “X” e “Y” são elementos antagônicos não comutáveis, no caso respectivamente “resíduo” e “lixo”.

A partir da formulação [1b] é possível relacioná-la a uma rede de formulações, proveniente das entrevistas realizadas em outro momento com os alunos participantes da pesquisa, antes de ocorrerem as palestras, onde ao serem questionados pela pergunta “o que significa para você o termo lixo”, responderam com as seguintes formulações:

[2] “Lixo é tudo aquilo que não pode ser reaproveitado, ou seja, que não é reciclável, termo oposto de resíduo, o qual pode ser reprocessado e reaproveitado para outros fins”.

- [3] “Aquilo proveniente de uma atividade e que não possui nenhuma forma de tratamento, reaproveitamento, reciclagem”.
- [4] “Lixo é todo material que não tem mais nenhuma reutilização no seu ciclo de vida”.
- [5] “Restos de bens de consumo não passíveis de reciclagem ou reaproveitamento”.
- [6] “Lixo é aquilo que não tem mais valor agregado, não possuindo mais capacidade de ser reciclado”.
- [7] “Aquilo que não pode ser reutilizado ou reaproveitado, devendo ser destinado corretamente”.
- [8] “O que não pode ser reutilizado, reaproveitado novamente”.
- [9] “Material que não tem nenhum valor agregado”.
- [10] “Material que não possui potencial para reuso ou reciclagem”.
- [11] “Todo aquele material que não pode ser reciclado, nem transformado em outro produto, deve ser inutilizado”.

Esse conjunto de dizeres são paráfrases discursivas uma das outras, as quais se constituem em uma rede de formulações, a partir da qual é possível observar uma regularidade, e depreende delas uma “forma indefinidamente repetível” (ibidem, p. 194). Essa forma pode ser representada à maneira de Courtine (2009) por

$$P\left\{\frac{X}{Y}\right\}$$

onde “P” é um contexto de formulação comum e $\{X/Y\}$ são dois valores antagônicos não comutáveis. Ao mesmo tempo, a partir das palestras é possível observar a ocorrência de formulações, cujos elementos podem vir a se colocar nas posições “X” e “Y” de $P\{X/Y\}$, construindo assim dois conjuntos referenciais antagônicos um em relação ao outro, e ao mesmo tempo onde os elementos em seu interior são substituíveis entre si contextualmente:

[12] Então, você consegue transformar ele em outra matéria-prima, ou em outro objeto. Por exemplo: o plástico, eu consigo reciclar ele, transformar em plástico de novo; o vidro, eu consigo reciclar, e transformar em outra garrafinha de vidro.

[13] No caso, o alimento, aquele papel de guardanapo sujo com gordura, ele não tem a possibilidade de reciclagem. Então, isso, isso, sim, é lixo, que daí vai ser destinado como lixo.

[14] Então, a gente vai pegar todo esse lixo, no caso: orgânico que é resto de comida, papel sujo, guardanapo sujo. Daí, a gente vai fazer um processo pra reciclar essa parte, e tornar nutriente de novo pra terra. Mas, por enquanto, nós não temos, então isso pra nós ainda é considerado lixo.

[15] Então, no verde é tudo mais ou menos que a gente usa e sabe que é reciclável [...]

[16] Então laminados, metal, vidro, papel, plástico, qualquer coisa seca, que a gente chama, vai no verde sem dúvida.

[17] A verdinha é pra reciclável e a marrom é pra orgânico.

[18] Marrom é os orgânicos que seriam papel gordurado, papel higiênico, comida, casca de fruta e guardanapo sujo [...].

Desse modo, “X” pode ser ocupado por: resíduo, plástico, vidro, garrafinha de vidro, verde, reciclável, laminados, metal, papel, qualquer coisa seco; “Y” por: lixo, guardanapo sujo com gordura, resto de comida, papel sujo, marrom, orgânico, papel higiênico, comida, casca de fruta; e “P” por paráfrases discursivas de “é possível de reutilização”. Isso permite estruturar então uma referência para a comparação dos dizeres de antes e depois das palestras da campanha *Jogada Certa*. Nesse sentido a estrutura discursiva de referência é:

P{X/Y}

onde “P” representa as paráfrases discursivas possíveis de “é possível de reutilização”; “X” e “Y” são os conjuntos de elementos acima levantados e tantos outros contextualmente substituíveis.

8.2 Análise das entrevistas do grupo “F”

A partir da estrutura discursiva acima será realizada então a tentativa de encontrar essa mesma estrutura no que é dito antes e depois das palestras. No entanto é preciso determinar um tema de discurso, com o qual se partirá as análises. Esse tema provém da própria estrutura discursiva de referência, onde nesse caso serão dois, ou seja: lixo e resíduo (e suas possíveis substituições contextuais). Com os temas será possível então localizar as formulações que as contém, e com isso aplicá-las no interior da estrutura discursiva de referência para determinar se elas são contextualmente substituíveis e se é possível a ocorrência de uma mesma referência $P\{X/Y\}$. A ocorrência dessa forma não significa necessariamente que se trata de um mesmo enunciado; assim como também não significa dizer que o significado dessa estrutura é o mesmo tanto para aqueles que ministram as palestras quanto para os funcionários participantes da pesquisa. É importante afirmar também que não é objetivo julgar o valor de “verdade”, que os diversos elementos podem figurar, ou não, no interior das posições $[X, Y, P]$ de $P\{X/Y\}$. Dessa maneira, logo abaixo são realizadas as análises dos dizeres do grupo “F” em relação à estrutura discursiva de referência estabelecida.

Entrevista 1

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- O lixo significa sujeira para um e trabalho para outros que depende para sobreviver.

- O que significa para você o termo reciclagem?
- É muito importante.

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Lixo... o lixo mesmo é o lixo do banheiro, né? Dizem que é do banheiro. E o dos setores são mais lixo recicláveis. Tem o lixo do banheiro, tem o lixo da copa que é café. Bom, que eu lembre... Aqui são os lixos do banheiro. Junto café, casca de banana, frutas, né? As cascas de fruta pra mim são os orgânicos.
- O que é reciclagem pra você?
- Reciclagem é tudo que possa reciclar, né? Os papel, plástico, garrafas. Tem tanta coisa.

Antes das palestras não ocorre a presença de P{X/Y} da estrutura discursiva de referência: a formulação “O lixo significa sujeira para um e trabalho para outros que depende para sobreviver” não pode vir a substituir contextualmente “lixo não é o que é possível de reutilização”. Após as palestras isso muda, ocorre uma distinção em “Lixo... o lixo mesmo é o lixo do banheiro [...] E o dos setores são mais lixo recicláveis” onde “[...] lixo recicláveis” podem vir a ocupar a posição de “X”; e lixo dos banheiros na posição de “Y” da estrutura discursiva de referência. Paralelamente ocorre a presença de “reciclagem é tudo que possa reciclar”, uma paráfrase possível de “resíduo é o que é possível de reutilização”, podendo assim ocupar a posição de “X” novamente. Acrescenta-se a isso o aparecimento de dois conjuntos de elementos, antagônicos entre si, cada qual referenciando as posições de “X” e “Y”. Nesse sentido após as palestras ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 2

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- [...] também não sei.
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Reciclagem é bom, porque dá pra reutilizar as coisas, aproveitar as coisas.

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Aí, que que é lixo? O lixo é aquilo que não presta, vai fora. Aquilo que a gente não aproveita, que vai pro lixo.
- O que é reciclagem pra você?
- Ai, o que que é reciclagem? Deixa eu ver... É reaproveitar as coisas!

Antes das palestras é possível observar que a formulação “reciclagem é bom” está sustentada por “dá pra reutilizar as coisas, aproveitar as coisas”, que por sua vez é possível de vir a ocupar a posição de “X” de $P\{X/Y\}$; mas não aparece uma formulação paráfrase do tipo “lixo não é o que é possível de reutilização”. Após as palestras a posição “X” de $P\{X/Y\}$ se mantém com “É reaproveitar as coisas”, e ocorre a formulação “o lixo é aquilo que não presta, vai fora”, a qual é possível de vir a ocupar a posição de “Y” de $P\{X/Y\}$. Nesse sentido após as palestras ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 3

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?

– Lixo? Sujeira, sujeira. É o que significa pra mim. É sujeira, desordem, bagunça, bagunça em tem... sim... de lograr os outros, passar as pernas nos outros, né? Como que uma pessoa, ser humano, querer ser melhor do que o outro, né? Ser mais do que o outro. É tão bom ser humilde, é tão bom grande ser humilde. Cê é amigo pequeno, mas grande no coração e no amor e no respeito, né? É só isso.

– O que significa para você o termo reciclagem?

– Limpeza, né? Limpeza, organização, ordem, né? Eu já fiz... eu quase moia de vergonha [...].

Depois das palestras da campanha:

– O que é lixo pra você?

– Tem o lixo reciclável e tem o lixo que é lixo, né? Que não tem utilidade. Que... / Num sei muito, eu só sei que tem o lixo que não tem utilidade, só. Tá difícil eu responder.

– O que é reciclagem pra você?

– Reaproveitar, não é? Tem o lixo que vai, volta, volta a ser papelão; tem lixo que volta a ser plástico, né? É... tem tanto, é difícil de responder.

As formulações “É sujeira, desordem, bagunça, bagunça em tem... sim... de lograr os outros, passar as pernas nos outros, né” e “Limpeza, organização, ordem” não são possíveis de virem cada uma a ocupar as posições de [Y, X] de P{X/Y}. Após as palestras isso muda, e os dizeres são reorientados: ocorre a presença de “[...] tem o lixo que não tem utilidade”, possível de vir a ocupar a posição “Y”; e de “Tem o lixo que vai, volta, volta a ser papelão; tem lixo que volta a ser plástico”, possível de ocupar “X” de P{X/Y}. Soma-se a isso a ocorrência de alguns elementos, que antes não apareciam, tais como papelão e plástico. Nesse sentido, após as palestras ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 4

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- Significa limpeza das ruas.
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Uma coisa muito ótima que foi feito.

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Um jeito de manter as coisas limpo, né? Eu penso assim... pra deixar as coisas tudo organizado, né? Tudo misturado vira uma bagunça, né? Eu acho que é isso.
- O que é reciclagem pra você?
- É pra separar o lixo e manter o meio ambiente mais... menos poluído, né?

As formulações “Significa limpeza das ruas”, “Um jeito de manter as coisas limpo, né?”, “Uma coisa muito ótima que foi feito” e “É pra separar o lixo e manter o meio ambiente mais... menos poluído” não ocupam as posições de P{X/Y}. Tanto antes quanto depois não ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 5

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- Lixo? Que lixo mesmo vá pro lixo, e o lixo reciclável que será reaproveitado pra alguma coisa, que a gente deve separar, né? Pra ter um

reaproveito. Eu acho que lixo, o lixo mesmo é aquele lá orgânico. E esse outro que é um lixo, mas que tem um aproveitamento.

– O que significa para você o termo reciclagem?

– Reciclagem é... o aproveitamento dos materiais, que dá fundamento para outras coisas, né? E, sempre que a gente puder, separar, porque lá na frente vai ter um aproveitamento, né? Para outras utilidades.

Depois das palestras da campanha:

– O que é lixo pra você?

– Ah, lixo é o lixo. O que é o lixo? É orgânico. E, o reciclável que vai pro aproveitamento, né? O que tem utilidade, é aproveitado, né?

– O que é reciclagem pra você?

– Tipo assim... eles não reaproveitam o lixo reciclado? Por exemplo, papel. Eles não fazem outros papéis? A latinha, não diz que faz o aparelho, essa... aquela pecinha de cima lá? [...]

A formulação “Eu acho que lixo, o lixo mesmo é aquele lá orgânico. E esse outro que é um lixo, mas que tem um aproveitamento” é uma frase contrastiva da mesma maneira que P{X/Y}, onde os seus constituintes são possíveis de assumir as posições da estrutura discursiva de referência. Após as palestras isso se mantém com a formulação: “O que é o lixo? É orgânico. E, o reciclável que vai pro aproveitamento, né? O que tem utilidade, é aproveitado, né?” Nesse sentido, tanto antes quanto depois ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 6

Antes das palestras da campanha:

– O que significa para você o termo lixo?

– Significa o bem-estar de todos.

- O que significa para você o termo reciclagem?
- Fazer material pra aproveitar.

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Lixo pra mim é casca de banana, casca de laranja, é... só... casca de batata, assim... alguma coisa assim, essas coisas...
- O que é reciclagem pra você?
- Papel, garrafa, é... latas, tudo assim que dê pra reciclar. A gente tem um monte de coisa que se recicla, que eu vejo assim, né? Caixinha de leite também já vi reciclar. Tampinhas, aquelas de garrafa...

A formulação “Fazer material pra aproveitar” envolve o pré-construído “material pra aproveitar”, que é uma paráfrase discursiva de “resíduo é o que é possível de reutilização”, e por isso pode vir a ocupar a posição “X” da estrutura discursiva de referência. No entanto não ocorre a presença de “Y”, pois “Significa o bem-estar de todos” não é paráfrase discursiva de “lixo não é o que é possível de reutilização”. Após as palestras, ocorre a mesma situação: o pré-construído “...coisa que se recicla”, no interior da formulação “A gente tem um monte de coisa que se recicla”, é possível de vir a ocupar a posição de “X”; mas em contraparte falta uma formulação possível para ocupar a posição de “Y”. Nesse sentido, embora ocorra o aparecimento de conjuntos referenciais, que remetem às posições de “X” e de “Y”, tanto antes quanto depois faltam a presença de “Y” relacionado a “P”; isto é, não ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 7

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?

- Lixo significa o que nós produzimos hoje.
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Reciclagem em tudo. Hoje em dia, algumas pessoas sobrevivem da reciclagem.

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Papel, copinho, cascas de banana, essas coisas... Papel de banheiro, ixe, agora falta de memória. Tudo, tudo, tudo, tudo... Papel de bala. Só isso mesmo que eu me lembre.
- O que é reciclagem pra você?
- Separar o tudo, né? Papel, copinho, orgânicos... Mas isso não acontece aqui, não.

Antes das palestras não ocorre a presença de $P\{X/Y\}$, a formulação “Lixo significa o que nós produzimos hoje” não é possível de vir a ocupar a posição de “Y”. Após as palestras, ocorre o aparecimento de diversos elementos referenciais possíveis de ocupar as posições de “X” e “Y”, no entanto não ocorre a distinção desses elementos em seu conjunto. Tanto antes quanto depois não ocorre a presença de $P\{X/Y\}$ da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 8

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- ((em branco))
- O que significa para você o termo reciclagem?
- ((em branco))

Depois das palestras da campanha

- O que é lixo pra você?
- Ai, eu não sei, não. Sei que é sujeira. Lixo num é, lixo num é sujo? É sujeira.
- O que é reciclagem pra você?
- papel, num é? [...] É papel, né? É papel, vidro, essas coisas, né?

Tanto antes quanto depois das palestras não ocorre a presença de P{X/Y} da estrutura discursiva de referência, embora seja possível observar no segundo momento o aparecimento de alguns elementos que podem referenciar “X”, tais como: papel e vidro.

Entrevista 9

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- Essa não sei. Acho que... todo mundo cuidar, né? Daí, conserva mais limpo, né?
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Reciclagem é aproveitar o lixo pra menos poluição.

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Lixo que a gente recolhe das sala, né? Assim... do lixeiro, já falam, né? Que aqui eles separam as casca de banana. Já, já coloquei em baldinho lá. Já falei “não misturem casca de banana, de frutas. Cês põem aqui nesse baldinho!”. Ponhei ordem no barraco.
- O que é reciclagem pra você?

- Reciclagem é folha limpa, né? Lixo limpo, né? Que dá pra aproveitar, assim que nem copinho limpo, jornal, folha limpa, né. Limpo assim sem sujar de café, sem misturar casca de banana, essas coisas.

A formulação “Reciclagem é aproveitar o lixo pra menos poluição” é possível de vir a ocupar uma das posições de $P\{X/Y\}$ da estrutura discursiva de referência, no entanto não encontra a sua contraparte “Y”, pois “[...] todo mundo cuidar” não é uma paráfrase discursiva de semelhante valor de “lixo não é o que é possível de reutilização”. Isso muda após as palestras, pois a formulação: “Reciclagem é folha limpa, né? Lixo limpo, né? Que dá pra aproveitar [...] é possível de vir a ocupar uma das posições de $P\{X/Y\}$, como também “Limpo assim sem sujar de café, sem misturar casca de banana, essas coisas” é uma reformulação a partir de uma posição de “Y” de $P\{X/Y\}$. Ou seja, após as palestras ocorre a presença da estrutura $P\{X/Y\}$. Soma-se a isso o aparecimento de conjuntos de elementos referencias a essas duas posições, os quais não apareciam antes.

Entrevista 10

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- Nem tudo o que jogamos é lixo.
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Nem tudo o que jogamos é lixo, as vezes com a reciclagem renovam coisas!

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?

- Tudo que é recicla... / Bom, que depende, né? Depende, porque, ó... eu mexo com um monte de lixo, né? Lixo dos banheiros, reciclável, tudo, tudo isso.
- O que é reciclagem pra você?
- [...] departamento às vezes misturam casca de fruta junto com papel reciclável. Então eu praticamente não tiro, porque eu não vou ficar enfiando a mão lá dentro, e tirando o que é orgânico e reciclável.

A formulação “Nem tudo o que jogamos é lixo, as vezes com a reciclagem renovam coisas” é possível de se dividir em duas partes: [1] “Nem tudo o que jogamos é lixo” e [2] “as vezes com a reciclagem renovam as coisas!”. A segunda parte relaciona a primeira, que por sua vez é uma frase contrastiva X NÃO É O QUE P (“Lixo nem é tudo o que jogamos”), onde seu segundo membro está suprimido. Toda essa formulação é uma paráfrase de “lixo não é o que é possível de reutilização, e resíduo é o que é possível de reutilização”; ou seja, ocorre a presença da estrutura P{X/Y} antes das palestras, e essa estrutura se mantém após as palestras ao sustentar a formulação “departamento às vezes misturam casca de fruta junto com papel reciclável”. Tanto antes quanto depois há presença de P{X/Y} da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 11

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- Coisas que não prestam, que não servem mais, né? Essas coisas, essas... Material que eles jogam fora, podendo reciclar, né? Fazendo reciclagem, mas num fazem, né? Jogam em rio, jogam monte de lugares.
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Ai, reciclagem, ai, ai, ai... meu deus... reciclagem é boa, porque esse aí eu tô meia...

Depois das palestras da campanha:

– O que é lixo pra você?

– O lixo? Acho que é sujeira, né? Sujeira com... ai, como é que eu vou dizer, não precisa né... garrafa, essas coisas, papel sujo que não usa também joga no lixo, acho que é isso.

– O que é reciclagem pra você?

– Aí, eu acho que é pra melhorar a situação da gente, né? Da gente, não. Das pessoas mais carentes, né? Que se a gente reciclar, vai tá ajudando eles, né? Acho que vai pra uma comunidade, não sei... É umas coisas assim, pelo menos daqui é que vai pra uma instituição. Daí, eles reciclam, né? E vendem, e o dinheiro fica pra... aquelas pessoas pobre, né? Acho uma cesta básica, não sei, alguma coisa assim.

A formulação “Material que eles jogam fora, podendo reciclar” possui a relação entre dois pré-construídos: (1) “Material que eles jogam fora” e (2) “podendo reciclar”, que por sua vez sugerem estar sustentados por uma forma como a da estrutura discursiva de referência $P\{X/Y\}$ elencada acima. Essa possível sustentação não está à mostra na sequência intradiscursiva, e por isso é difícil afirmar se “material que eles jogam fora” está sustentado por uma paráfrase do tipo “lixo é o que não é possível de reutilização”; assim como também é difícil afirmar se “podendo reciclar” está sustentado por uma paráfrase do tipo “resíduo é o que é possível de reutilização”. Após as palestras ocorre o aparecimento de elementos que vem identificar o que é lixo, como “sujeira com [...] garrafa” e “papel sujo. Mas ainda, sim, não é possível afirmar se a estrutura discursiva de referência aparece, ou não; se ela existe, está suprimida. Tanto antes quanto depois das palestras as sequências intradiscursiva sugerem uma presença de $P\{X/Y\}$, embora não apareça marcadamente. Consideraremos nesse caso, que tanto antes quanto depois das palestras ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 12

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- É separar o recicláveis, é separar os lixos, reciclável com reciclável, do banheiro com banheiro.
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Reciclagem é... eu deixo tudo separadinho. Recicla tudo separadinho. Lixo do banheiro, lixo do banheiro. Recicláveis, recicláveis. Tudo separadinho.

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Recicláveis é os copinhos, papelão... é copinho, papelão, plástico, garrafa, latinha.
- O que é reciclagem pra você?
- É essas que eu falei mesmo, latinha, papelão, copinhos, garrafas.

A formulação "É separar o recicláveis, é separar os lixos, reciclável com reciclável, do banheiro com banheiro" mostra a distinção entre dois elementos: [1] (lixo) "reciclável com reciclável" e [2] (lixo) "do banheiro com banheiro", os quais podem vir a ocupar respectivamente as posições de "X" e "Y" de $P\{X/Y\}$. No entanto lhes faltam a presença de "P"; ou seja, não está à mostra se os dois elementos que figuram no intradiscurso do entrevistado estão relacionados com "(é/não é) possível de reutilização". E, após as palestras, embora ocorra o aparecimento de um conjunto de elementos que podem vir a representar a posição de "X" da estrutura discursiva de referência, ainda não ocorre a presença de "P". Nesse sentido, tanto antes quanto depois não ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 13

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- Lixo é uma coisa que a pessoa tem que ter muito cuidado, né? Porque o lixo pode trazer muita doença, se a pessoa não saber organizar ele, né?
- O que significa para você o termo reciclagem?
- Reciclagem é uma grande coisa, porque evita muitas doenças, que nem lixo hospitalar, essas coisas toda, né?

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Lixo é tudo aquilo que a gente não pode aproveitar, né? Que nem papel higiênico, essas coisas assim, não se aproveita, né? A gente tem que reciclar tudo aqui, tem que separar tudo, papel, plástico, essas coisa tudo. Papel higiênico separa nos sacos separados, tudo isso.
- O que é reciclagem pra você?
- Reciclagem, eu acho que, é uma coisa boa que a gente faz, né? Que eu no caso.../ Inventaram por que da reciclagem? A gente faz muita coisa, né? Muita gente vive disso. Eu acho que a reciclagem na verdade é uma fonte de renda pra muita gente, né?

A formulação “Lixo é uma coisa que a pessoa tem que ter muito cuidado” está sustentada pelo pré-construído “o lixo pode trazer muita doença, se a pessoa não saber organizar ele”. Em ambos os casos não são paráfrases discursivas substituíveis por “lixo não é o que é possível de reutilização”. Isso muda após as palestras com o aparecimento da frase contrastiva “Lixo é tudo aquilo que a gente não pode aproveitar”, cujo segundo membro está suprimido. Soma-se a isso a ocorrência de alguns elementos referenciais que podem vir a ocupar as posições de “X” ou de “Y” da estrutura discursiva de referência. Nesse sentido, houve uma

reorganização do dizeres do entrevistado, e o aparecimento da estrutura discursiva de referência após as palestras.

Entrevista 14

Antes das palestras da campanha:

– O que significa para você o termo lixo?

– Ai, ai, ai... Sei lá o que significa. Bom, eu sei que a gente separa tudo aqui. Lixo tem que ter o lugar certo pra destruir ele. Eu acho assim, num pode deixar em qualquer lugar, né? A céu aberto... E tudo vai... Porque daí move a poluição sobre o lixo mesmo, né?

– O que significa para você o termo reciclagem?

– Aí, eu acho importante reciclagem, porque você separa todo, né? Sabe pra que fim um vai, ou outro, né? Então, você recicla, você já sabe a continuidade dele, né? Pra que que serve aquilo, o que faz, o que não faz.

Depois das palestras da campanha:

– O que é lixo pra você?

– O lixo é que não é reciclável, né? Tem o lixo dos banheiros, que tem os três banheiros aqui. Tem o lixo que é papel só, que a gente pode separar, né? E tem os lixos que é... / que é reciclável, né? Garrafinha, latinha, garrafa de vidro, essas coisas. Tem os livros, né? Os cadernos que a gente recolhe, já recolhe separado, vem nas caixas já separado.

– O que é reciclagem pra você?

– É que re reaproveita, né? Pra reaproveitar os... Os reciclável é coisa que refaz, e volta, né? Acho que sim. Porque eles é quase separado pra reaproveitar de volta, né?

A formulação “Lixo tem que ter o lugar certo pra destruir ele” não é uma paráfrase de discursiva de “lixo não é o que é possível de reutilização”, e por isso não pode ocupar a posição de “Y” da estrutura discursiva de referência. Em contrapartida a formulação “Então, você recicla, você já sabe a continuidade dele, né?” sugere estar sustentada por “resíduo é o que é possível de reutilização”. Nesse sentido falta “Y” de $P\{X/Y\}$. Isso muda após as palestras, onde ocorre a presença da frase contrastiva “O lixo é que não é reciclável, né?”, cujo segundo membro está suprimido, e reaparece com “Os reciclável é coisa que refaz, e volta”. Soma-se a isso os conjuntos de elementos referenciais que antes não ocorriam, e agora ocorrem. Dessa forma após as palestras ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 15

Antes das palestras da campanha:

– O que significa para você o termo lixo?

– lixo, ah... lixo é... tipo pra mim... o que é lixo é... ai, igual seringas que não dá pra ser mais reutilizado, nada que não tem como utilizar, sabe? Igual resto de comida tem como utilizar, você põem nas plantas, vira adubo. Agora tem muito seringa, essas coisas assim que é usado por médico, não tem mais utilização, só.

– O que significa para você o termo reciclagem?

– é tudo aquilo que cê pode aproveitar, né? Então como as garrafas. Que minha mãe, ela é catadora de papel, né? Então ela... Então eu cresci reciclando, né? Então eu acho muito importante a gente reciclar. Liberar do meio ambiente tudo que é ruim, porque uma garrafa PET é quinhentos anos para se decompor. Então a gente livra do meio ambiente tudo que é ruim. Ai, a gente acaba vendendo, e aquilo lá vai ser utilizado de novo. Isso que é reciclar.

Depois das palestras:

– O que é lixo pra você?

– pra mim, lixo é tudo aquilo que num pode ser reutilizado né. Isso é lixo. Agora tem um mon... / comida não é lixo, porque dá pra você fazer adubo, né? Pra ponhar nas plantas. Então pra mim não é lixo, dá pra utilizar ali. O lixo é tudo aquilo que não pode mais / que se joga fora, não quer mais.

– O que é reciclagem pra você?

– tudo que pode ser reaproveitado. O vidro, a garrafa, o papel, metal, né? Tudo essas coisa são reciclado.

A formulação “igual seringas que não dá pra ser mais reutilizado” é uma paráfrase discursiva de “lixo não é aquilo que é possível de reutilização”, e pode vir a ocupar uma das posições de $P\{X/Y\}$. Ao mesmo tempo, ocorre a presença de “Iguale resto de comida tem como utilizar, você põem nas plantas, vira adubo” que, por sua vez, é uma paráfrase discursiva de “resíduo é o que é possível de reutilização”. Em ambas as formulações ocorre a presença de $[X, Y, P]$ da estrutura discursiva de referência. Após as palestras essa estrutura se mantém, como pode ser visto em “lixo é tudo aquilo que num pode ser reutilizado” e “tudo que pode ser reaproveitado”. Nesse sentido, tanto antes quanto depois está presente nos dizeres do entrevistado a estrutura discursiva de referência.

Entrevista 16

Antes das palestras da campanha:

– O que significa para você o termo lixo?

– O lixo é sujeira, né? Então, sujeira / Sujeira, sujeira tem que separar, sujeira de lixo limpo, de lixo sujo. Então aqui nós separamo o lixo limpo e o lixo do banheiro separado.

– O que significa para você o termo reciclagem?

– Reciclar num é... reciclar tudo, que que ajuda o povo da... / que tá / a gente... a gente... a gente... Ai, como que eu vou falar pra você, meu deus... É a gente aproveita aquilo que já foi jogado, né? Num é reciclagem? A gente aproveita aquilo que já foi jogado fora, né? Então, a gente aproveita tudo, né? Significa a mesma coisa, num precisa jogar fora, a gente reaproveita aquilo que já foi jogado, num precisa jogar, né? Tá certo?

Depois das palestras da campanha:

– O que é lixo pra você?

– Lixo é sujeira. É sujeira. É muita sujeira, lixo. Já que nosso serviço de zelador num tem valor, né? Nosso serviço não tem valor. Limpa, nós limpa tudo quanto é coisa, nós tira tudo quanto lixo, nós limpa o banheiro, dá uma varrida no banheiro. Em matéria de lixo nós faz tudo. Você sabe, né? Nosso serviço é muito. [...] Nós limpa, nós varre, nós passa pano, faz tudo o que tem que fazer, falou de trabalhar... / muito serviço pra fazer.

– O que é reciclagem pra você?

– Reciclar num é... num é reciclar o lixo pra por... por outros objetos pra gente usar? É isso, né? É... reciclagem dá pra fazer bastante coisa, né? Que a gente vê passando na televisão, né? Dá pra fazer bastante coisa, dá pra fazer copo, um monte de coisa com o lixo. Eu sei, eu num sei como que eles reciclam esse lixo que faz tanta coisa pra gente usar, né?

A formulação “A gente aproveita aquilo que já foi jogado fora” é uma reformulação em cima do pré-construído “aquilo que já foi jogado fora”. Esse pré-construído é uma paráfrase de “lixo não é aquilo que é possível de reutilização”; e a sua reformulação é uma paráfrase de “resíduo é o que é possível de reutilização”. Após as palestras a presença de P{X/Y} não está tão à mostra, pois está marcadamente presente a parte “X” da estrutura em "...esse lixo que faz tanta coisa pra gente usar"; enquanto que “Y” de P{X/Y} está suprimido, onde em seu lugar ocorre a presença de “Lixo é sujeira”. Por aparecer antes das palestras e pela

possibilidade das frases contrastivas de suprimir o seu segundo membro, tanto antes quanto depois ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 17

Antes das palestras da campanha:

- O que significa para você o termo lixo?
- É que eu num estudei nada. Eu num sei explicar a perguntar.
- O que significa para você o termo reciclagem?
- É bom assim, né? Que eles faz outro objeto. Da reciclagem eles faz outros objetos, né? Porque se ponhar tudo junto já, né?

Depois das palestras da campanha:

- O que é lixo pra você?
- Ah, lixo é o lixo. Sei lá, lixo penso assim. [...] Ah, sei lá, eu penso... é... jogar no lixo assim. Num é lixo... Sei lá, eu penso assim. Num penso outra coisa.
- O que é reciclagem pra você?
- Já é separada. Digo, lixeiras, aí cada lugar num é separado assim? Plástico com plástico. [...] Assim é... que dá pra fazer outra coisa, né? Dos produtos de plástico, assim pá fazer outro tipo de coisa, assim separando.

A formulação “Da reciclagem eles faz outros objetos”, é uma paráfrase discursiva de “resíduo é o que é possível de reutilização”, e pode ocupar “X” de P{X/Y}. No entanto não ocorre a presença de “Y”. Nesse sentido, a estrutura elencada como referência não está presente. Após as palestras, o mesmo ocorre com “Dos produtos de plástico, assim pá fazer outro tipo de coisa, assim separando.”, onde a sua contraparte “lixo é lixo”, não fica marcadamente presente se é uma paráfrase discursiva de “lixo não é aquilo o que é possível de reutilização”.

Nesse sentido, embora ocorra a presença de “X” e “Y”, “P” não está marcadamente presente relacionada a “Y”. Dessa maneira tanto antes quanto depois não ocorre a presença da estrutura discursiva de referência.

Entrevista 18

Antes das palestras da campanha:

– O que significa para você o termo lixo?

– É o termo lixo é... mesma coisa que isso aí, né? Vidro, lata, garrafa, né? Papel, né? E, coisa que nem vidro quebrado num pode por também assim de qualquer jeito, né? Tem que enrolar, por num pacote. Então eu acho que é isso aí mesmo.

– O que significa para você o termo reciclagem?

– Reciclagem... acho hum... mesmo isso aí, né? Separa, né? Separação do lixo, não é? Eu acho que é isso.

Depois das palestras da campanha:

– O que é lixo pra você?

– É o lixo que tem que separar o orgânico, né? Já deixa separado... que aqui na cozinha já tem um já lixeirinho. Lixo separado, né? Separar, e o que é limpo a gente separa limpo pra levar... ficar mais fácil, né? [...] Já levo aqui cima o limpo. Eu ponho lá embaixo onde que é de pôr o jornal. Essas coisas, coisa limpa, né? E, o sujo eu levo na caçamba que é da... só de sujo mesmo, banheiro essas coisas, eu levo na caçamba, daí.

– O que é reciclagem pra você?

– Ah, reciclagem... É isso mesmo, né? Não misturar, né? Reciclável, que é do papel limpo, daí mó... (/) tá sujo, molha os que tá limpo, daí fica mais complicado, que aí mistura tudo, né? Então, eu acho assim, daí tem que ser,

separado por isso. Não misturar com vidro, essas coisas... lata, essas coisa... nada, né?

Antes das palestras o conjunto de elementos “vidro, lata, garrafa, [...], papel...” estão contrariamente relacionados à posição “Y”, e não ocorre a presença de uma paráfrase possível de “resíduo é o que é possível de reutilização, e lixo não é o que é possível de reutilização”. Após as palestras há uma reordenação desses elementos que agora passam a estar relacionados a posição de “X”. No entanto tanto antes quanto depois falta “P”. Nesse sentido tanto antes quanto depois não ocorrem a presença da estrutura discursiva de referência $P\{X/Y\}$, embora a palestra tenha contribuído para a reordenação dos elementos referenciais.

Entrevista 19

Antes das palestras da campanha:

– O que significa para você o termo lixo?

Aí, é um problema, se a gente não separar. É... muitas vezes a gente não separa, né? As vezes, a gente é relaxado, pega e mistura de qualquer jeito e, né? É muito problema, mais se a gente for bem certinho... a gente rece... / separa o lixo, cada um na sua sacolinha.

– O que significa para você o termo reciclagem?

– Ah, muito bom, pra reciclar. É... igual garrafa reciclável, eles faz aí um monte de objeto com as garrafas, com as latinhas. E, aí... como que é... volta de novo se virar alumínio, né? Pra ser reaproveitada. Então é... o reciclável é muito bom.

Depois das palestras da campanha:

– O que é lixo pra você?

– O que é lixo? Lixo... Lixo... Lixo que não presta? Lixo que presta?

- O que é reciclagem pra você?
- O lixo reciclável é aquele que não mistura com orgânico, né? Que é igual o papel vai só o papel, plástico é só plástico e o vidro é vidro. E agora o orgânico é mistura com comida e papel, guardanapo, isso que é lixo pra mim, que eu entendo.

A formulação “igual garrafa reciclável, eles faz aí um monte de objeto com as garrafas, com as latinhas” é uma paráfrase de “resíduo é o que é possível de reutilização”, o qual pode vir a ocupar “X” da estrutura discursiva de referência. No entanto falta o elemento “P” relacionado à “Y”, pois não ocorre uma paráfrase possível de “lixo não é o que é possível de reutilização”. Após as palestras ocorre a formulação “Lixo que não presta? Lixo que presta?”, a qual é possível de ser uma paráfrase discursiva de “lixo não é o que é possível de reutilização, e resíduo é o que é possível de utilização”. Nesse sentido após as palestras ocorre a presença de P{X/Y} da estrutura discursiva de referência.

Após as palestras da campanha *Jogada Certa* foi possível observar o aparecimento da estrutura discursiva de referência nos dizeres dos entrevistados 1, 2, 3, 9, 13, 14 e 19, nos quais não aparecia antes. Os entrevistados 5, 10, 11, 15 e 16, já mantinham essa estrutura em seus dizeres tanto antes quanto depois das palestras da campanha. Por fim, nos entrevistados 4, 6, 7, 8, 12, 17 e 18 não houve a presença da estrutura discursiva de referência. A tabela abaixo facilita essa visualização:

	Presença de P{X/Y}	
	antes das palestras	depois das palestras
Entrevista 1	não	sim
Entrevista 2	não	sim
Entrevista 3	não	sim
Entrevista 4	não	não
Entrevista 5	sim	sim
Entrevista 6	não	não
Entrevista 7	não	não
Entrevista 8	não	não
Entrevista 9	não	sim
Entrevista 10	sim	sim
Entrevista 11	sim	sim
Entrevista 12	não	não
Entrevista 13	não	sim
Entrevista 14	não	sim
Entrevista 15	sim	sim
Entrevista 16	sim	sim
Entrevista 17	não	não
Entrevista 18	não	não
Entrevista 19	não	sim

Tabela 1 - Ocorrência da forma P{X/Y} antes e depois das palestras da campanha Jogada Certa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda essa análise foi encontrado uma forma $P\{X/Y\}$, que em alguns entrevistados não ocorria antes das palestras, mas ocorrem depois; em outros, tanto antes quanto depois não ocorrem; e por fim nos restantes essa forma figura nos dois momentos da coleta de dados. Diante da constatação, ou ausência, dessa forma, ela não significa que se trata de um mesmo significado para todos os participantes das palestras, tanto aqueles que as ministram quanto aqueles que as assistem. O seu significado depende de outros elementos, os quais não foram objetos de análise. Alguns desses elementos têm uma relação com a memória discursiva, que Pêcheux (2007, p. 52) a descreve como:

[...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Essa afirmação de Pêcheux coloca os elementos implícitos como importantes para a leitura de um objeto simbólico. Isso nos leva a considerar que quando se muda esses implícitos com as quais essa forma $P\{X/Y\}$ mantém relação, muda-se a leitura. É válido uma metáfora: a linguagem humana é como o universo; as estrelas que figuram nele são como os enunciados. A relação entre as diversas estrelas podem formar aquilo o que muitos chamam de constelações. No entanto as figuras que advêm dessas constelações são interpretações humanas, e essas estrelas constantemente mudam as suas posições no universo (outras morrem, ou nascem, nessa infinitude). Além disso, essa forma $P\{X/Y\}$ encontrada em diversas entrevistas não significa necessariamente que os entrevistados se identificam com ela, pois não foi realizada uma análise para saber a relação desses dizeres com a questão da autoria e da identificação, ou contra-identificação. Mas, se for preciso dá um direcionamento, é possível considerar $P\{X/Y\}$ como um conceito. Couritne (2009, p. 233, grifos do autor) afirma que X É O QUE P é o

[...] suporte de um efeito definicional, em que um pré-constituído em posição X está identificado mediante uma nominalização ou uma enumeração funcionando como sua definição. Os pré-construídos figuram

nela como *conceitos* e o discurso como *dicionário*, assegurando na definição de suas palavras e o encerramento de seu saber.

Nesse sentido, ao tratar P{X/Y} como um conceito, é possível afirmar que as palestras da campanha contribuíram de certa forma na possibilidade de ocorrência desse conceito nos entrevistados, que em antes das palestras não ocorria o seu aparecimento.

Ao mesmo tempo, nesse corpus diversos elementos interessantes ocorrem, e possibilitam para uma nova abordagem, tais como em: “eles não reaproveitam o lixo reciclado” (entrevista 5); “[...] eu praticamente não tiro, porque eu não vou ficar enfiando a mão lá dentro, e tirando o que é orgânico e reciclável” (entrevista 10); [...] Daí, eles reciclam, né? E vendem, e o dinheiro fica pra... aquelas pessoas pobre, né?” (entrevista 11); “Muita gente vive disso. Eu acho que a reciclagem na verdade é uma fonte de renda pra muita gente” (entrevista 13); “Já que nosso serviço de ze... zelador num tem valor, né?” (entrevista 16); “É que eu num estudei nada. Eu num sei explicar a perguntar” (entrevista 17) etc. Isso tudo remete ao que Orlandi (2005) afirma sobre a possibilidade de novas descrições em um corpus, uma vez que esse jamais se esgotará em uma análise.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Consumo ultrapassou capacidade de renovação que a terra poderia oferecer em 2013**. Disponível em: <http://goo.gl/EkHqNe>. Acesso em: 09/10/2013.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Ed. Presença/Martins Fontes. 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ªed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade do Consumo**. Lisboa: Edições 70. 1991.
- BARBOSA, V. M.; SILVA M. C. **Programa de Gerenciamento de Resíduo**. Curitiba, 2005. Disponível em: http://folio.mp.pr.gov.br/downloads/Meio_Ambiente/utfp.pdf. Acesso em: 02/05/2011.
- BARONAS, Roberto Leiser. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BRAZ, M. **Capitalismo, Crise e Lutas de Classes Contemporâneas: questões e polêmicas**. São Paulo, 2012.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 3º ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CATALÃO, Vera Lessa. **Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental no Brasil**. In: José Augusto Pádua. **Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente**. São Paulo, 2009.
- CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. **O Questionário na Pesquisa Científica**. São Paulo, 2000.
- CINTRA, Flávia Pascoal. **O Discurso Verde Chega ao Templo do Consumo: a construção de sentido no discurso institucional da Wal-Mart**. São Paulo, 2008.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 21**. 2013. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br>. Acessado em: 03/09/2013.

CORACINI, M. J. R. F.. **Aspectos Metodológicos e Análise do Discurso: migrantes em situação de rua, entre a hospitalidade e a anulação de si**. In: A Análise do Discurso e Suas Interfaces. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009

COURTINE, Jean-Jacques. **Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours**. Philosophiques, 1982.

CRESTANI, Célia Regina. **Os discursos oficiais do CEFET/PR sobre o trabalho: uma análise dialógica**. Curitiba, 2001.

DANNORITZER, Cosimar. **The Light Bulb Conspiracy**. 2010. Disponível em: www.vimeo.com/44111988. Acesso em: 01/09/2013.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Linguagem, Ideologia e Psicanálise**. Revista Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista, 2005.

FIGUEIREIDO, Paulo Jorge Moraes. **Sustentabilidade Ambiental: Aspectos Conceituais e Questões Controversas**. Brasília, DF, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Categorias da enunciação: a pessoa, o tempo e o espaço**. 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAZETA DO POVO. **23% das cidades do paraná não devem se livrar de lixões a tempo**. Curitiba, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/EdT5yM>. Acessado em: 01/09/2013.

GÜNTHER, Hartmut. **Como elaborar um questionário**. Brasília, 2003.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Ed. Sagra Luzzatto, 1997.

JOGADA CERTA. **Apresentação do Programa Jogada Certa**. Curitiba, 2013. 1 disco laser.

LOHMANN, Gabrielle. **Ensaio de Bioestabilização Acelerada e Avaliação do Gerenciamento dos Resíduos Sólidos Orgânicos Gerados na UTFPR – Campus Curitiba**. Curitiba, 2008.

MANZINI, E. J. **Considerações Sobre a Entrevista para a Pesquisa Social em Educação Especial: um estudo sobre análise de dados**. In: **Pesquisa e Educação Especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

MARX, K.; Engels, F. **A ideologia Alemã**. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999.

NARZETTI, Claudiana N. P.. **Círculo de Bakhtin e Análise do Discurso Francesa: em torno da noção de ideologia**. In: XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Uberlândia – MG. Anais do SILEL, 2011. v. 2. p. 1-20.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Conheça a ONU**. 2013. Disponível em: www.onu.org.br. Acesso em: 01/09/2013.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso, Imaginário Social e Conhecimento**. Brasília, 1994.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6º ed. Campinas: Pontes, 2005

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2005b.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. In: Pierre Achard et al. **Papel da memória**. Editora Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4ªed. Capinhas, SP: Editora Unicamp, 2009.

POSSENTI, S.. **Análise do discurso: um caso de múltiplas rupturas**. In: Mussalim, Fernanda e Bentes, Anna Christina. (Org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Editora Cortez, 2004, v. 3, p. 353-392

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Decreto 983/2004**. Disponível em: <http://goo.gl/7lrs3x>. Acessado em: 01/09/2013.

RIBEIRO, Luis Filipe. **O Conceito de linguagem em Bakhtin**. Revista Brasil, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Telma Domingues de. **A Biodiversidade e a Floresta Tropical no Discurso de Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Campinas, 1995.

SOUZA, Licia Soares de. **Introdução às Teorias Semióticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUZA, Pedro de.. **As Enquetes Como Discurso: um caso de acesso às palavras do racismo**. In: Freda indursky; Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Os múltiplos territórios da Análise do discurso*. 1a.ed.Porto Alegre: Editora SagraLuzzato, 1999, v. 12, p. 250-257

STROGENSKI, Paulo Juarez Rueda. **Discurso e Expressão nos Estudos da Linguagem**. Revista de Letras (Curitiba). Curitiba, 2005.

STROGENSKI, Paulo Juarez Rueda. **O Papel do Sujeito nos Estudos da Linguagem**. Revista de Letras (São Paulo). Curitiba, 2003.

VICENTINO, Cláudio. **História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil**. São Paulo, 2001.

YAGUELLO, Marina. **Introdução**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12ªed. São Paulo: Hucitec, 2006.

YOSHIDA, Liv Iha. **A Ideologia da Sustentabilidade Empresarial**. Curitiba, 2011.

ANEXO A

Questionário 01

1. Qual o seu nome?
2. O que você acha que o governo, as empresas e a sociedade estão fazendo para melhorar o meio ambiente?
3. Quais questões ambientais são as mais importantes para você?
4. Descreva um problema ambiental que você enfrenta no seu dia a dia.
5. Como você avalia que a UTFPR está lidando com as questões ambientais, principalmente com a questão do lixo?
6. O que significa para você o termo meio ambiente?
7. O que significa para você o termo lixo?
8. O que significa para você o termo reciclagem?

Questionário 02

1. Qual o seu nome?
2. O que você faz no seu trabalho?
3. Você lida com o lixo?
4. O que é lixo para você?
5. O que é reciclagem pra você?
6. Nesses últimos anos você acha que a separação do lixo melhorou?